

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Andressa Nascimento dos Santos

**A EXPERIÊNCIA DA CONJUGALIDADE EM CASAIS SEM  
FILHOS POR OPÇÃO**

Santa Maria, RS  
2022

Andressa Nascimento dos Santos

**A EXPERIÊNCIA DA CONJUGALIDADE EM CASAIS SEM FILHOS POR  
OPÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentado ao  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia,  
da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM, RS), como requisito parcial  
para obtenção do título de **Mestre em  
Psicologia**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Rubin Rossato Pereira

Santa Maria, RS  
2022

Santos, Andressa Nascimento dos  
A experiência da conjugalidade em casais sem filhos  
por opção / Andressa Nascimento dos Santos.- 2022.  
91 p.; 30 cm

Orientador: Caroline Rubin Rossato Pereira  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2022

1. Relacionamento conjugal 2. Sem filhos 3. Motivações  
I. Pereira, Caroline Rubin Rossato II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, ANDRESSA NASCIMENTO DOS SANTOS, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Folha de aprovação

**A EXPERIÊNCIA DA CONJUGALIDADE EM CASAIS SEM FILHOS POR  
OPÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentado ao  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia,  
da Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM, RS), como requisito parcial  
para obtenção do título de **Mestre em  
Psicologia**.

Aprovado em 24/06/2022

---

Caroline Rubin Rossato Pereira, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

---

Beatriz Schmidt, Dr<sup>a</sup>. (FURG)

---

Luciane Najar Smeha, Dr<sup>a</sup>. (UFN)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todas as pessoas que escolheram não ter filhos, em especial aos casais que dividiram comigo suas histórias. Suas escolhas devem ser respeitadas!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Nei e Beatriz, pelo melhor e maior exemplo de seres humanos. Obrigada pelos ensinamentos, amor, confiança, apoio incondicional e por acreditarem na minha educação, não medindo esforços para que eu pudesse voar longe, por acompanharem com entusiasmo cada passo dado e pela certeza de que tudo daria certo.

À minha irmã Francine, que me deu o melhor presente em meio ao mestrado, a chegada do Vicente foi uma alegria sem tamanho. À minha irmã/sobrinha Gabrielle, que sempre esteve presente nos momentos mais importantes. Ao Uriel, pelo amor, carinho, cuidado e, em especial, por acreditar em mim.

À minha orientadora Professora. Dr<sup>a</sup>. Caroline Rubin Rossato Pereira, pela confiança depositada em mim para que eu pudesse realizar o mestrado, pela sábia orientação, paciência e incentivo constante e por todo carinho presente, desde os momentos de ensinamentos até nos momentos de minha extrema ansiedade. Carol, seu exemplo de simplicidade, gentileza e disponibilidade é ímpar e foi muito importante nesta trajetória.

À minha banca, professora Dr<sup>a</sup>. Beatriz Schmidt e professora Dr<sup>a</sup>. Luciane Najjar Smeha, pela leitura atenta ao meu trabalho e pelas preciosas contribuições na banca de qualificação. Minha consideração poder contar com vocês na construção deste trabalho.

Ao Núcleo de Estudos Famílias e suas Relações (NEFRE), por compartilharmos momentos em meio à pandemia, os estudos, as discussões, as risadas e desafios foram importantes para que fosse uma caminhada leve. À Rayssa, grande amiga e incentivadora neste percurso, nossa caminhada começou na graduação e continua fora.

Aos meus amigos, que mais do que me acompanhar, me fizeram companhia nesta trajetória. Compartilhar com vocês as vitórias, conquistas, sonhos e também os sabores, foi muito importante.

Aos casais que comigo dividiram uma parte de suas histórias, tornando possível a realização deste projeto.

## RESUMO

### A EXPERIÊNCIA DA CONJUGALIDADE EM CASAIS SEM FILHOS POR OPÇÃO

AUTORA: ANDRESSA NASCIMENTO DOS SANTOS  
ORIENTADORA: CAROLINE RUBIN ROSSATO PEREIRA

Uma das escolhas mais importantes na vida de um ser humano é a decisão por ter filhos. Essa é uma preocupação bastante fundamentada, visto que implica em muitas mudanças na vida daqueles que assumem a parentalidade, assim como para a dinâmica conjugal. Identifica-se um aumento no número de casais que intencionalmente escolhem não ter filhos, considerado um fenômeno contemporâneo, ligado, entre outros fatores, à inserção da mulher no mercado de trabalho, à revolução sexual advinda dos métodos contraceptivos e ao investimento na carreira profissional. Tal decisão, contudo, exige do casal um reposicionamento em relação ao investimento no relacionamento amoroso, nas individualidades, na carreira profissional, nas conquistas financeiras, entre outros, além de lidar com uma possível estigmatização, preconceito ou pressão social. Deste modo, identifica-se uma conjugalidade dissociada da experiência parental e da continuidade geracional. Tendo em vista o exposto, o presente estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, que objetivou compreender a experiência de casais sem filhos por opção acerca da conjugalidade e as motivações e desejos da escolha. Participaram do estudo dez casais sem filhos e que não tinham filhos de outros relacionamentos e nem haviam realizado tratamento para engravidar. O número de participantes respeitou o critério de amostragem por saturação teórica. Como instrumentos, foram utilizados um Questionário de Dados Sociodemográficos e uma Entrevista sobre a Conjugalidade, organizada e aplicada de forma semiestruturada, tendo sido os dados analisados por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados do estudo foram apresentados e discutidos por meio de dois artigos: “Satisfação, coesão e compromisso: percepções da conjugalidade em casais sem filhos por opção”; e “Experiências de casais sem filhos por opção: motivações e desejos”. Constatou-se que para os casais, nunca houve motivo para ter filhos, o desejo e a escolha nunca fizeram parte de suas vidas. Sobre a experiência conjugal, de forma ampla, os casais referiram altos níveis de satisfação conjugal e compromisso, resultando em um incremento da coesão entre os parceiros. Os resultados demonstram uma percepção por parte dos casais de qualidade e igualdade no relacionamento, investimento em lazer, liberdade, e na vida profissional. No que tange às expectativas sociais, embora a escolha por não ter filhos tenha sido retratada como mais aceita socialmente, os casais ainda indicaram o preconceito e estigma relacionados à escolha.

**Palavras-Chaves:** Relacionamento conjugal; Sem filhos; Motivações.

## ABSTRACT

### **THE EXPERIENCE OF MARRIAGE IN COUPLES WITHOUT CHILDREN BY OPTION**

AUTHOR: ANDRESSA NASCIMENTO DOS SANTOS

ADVISOR: CAROLINE RUBIN ROSSATO PEREIRA

One of the most important choices in the life of a human being is the decision to have children. This is a well-founded concern, since it implies many changes in the lives of those who assume parenthood, as well as in the marital dynamics. An increase in the number of couples who intentionally choose not to have children is identified, considered a contemporary phenomenon, linked, among other factors, to the insertion of women in the labor market, the sexual revolution arising from contraceptive methods and investment in a professional career. Such a decision, however, requires the couple to reposition themselves in relation to investment in a romantic relationship, in individualities, in a professional career, in financial achievements, among others, in addition to dealing with possible stigmatization, prejudice or social pressure. In this way, a conjugality dissociated from parental experience and generational continuity is identified. In view of the above, the present study refers to a qualitative, descriptive-exploratory research, which aimed to understand the experience of childless couples by choice about conjugality and the motivations and desires of the choice. The study included ten childless couples who had no children from other relationships and had not undergone treatment to become pregnant. The number of participants respected the theoretical saturation sampling criterion. As instruments, a Sociodemographic Data Questionnaire and an Interview on Conjugality were used, organized and applied in a semi-structured way, with the data analyzed using Content Analysis. The results of the study were presented and discussed through two articles: "Satisfaction, cohesion and commitment: perceptions of conjugality in couples without children by choice"; and "Experiences of childless couples by choice: motivations and desires". It was found that for these couples, there was never a reason to have children, desire and choice were never part of their lives. Regarding the marital experience, in a broad way, couples reported high levels of marital satisfaction and commitment, resulting in an increase in cohesion between partners. The results show a perception on the part of couples of quality and equality in the relationship, investment in leisure, freedom, and professional life. Regarding social expectations, although the choice not to have children was portrayed as more socially accepted, couples still indicated the prejudice and stigma related to the choice.

**Keywords:** Marital relationship; Without children; motivations.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO.....   | 9         |
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>  | <b>12</b> |
| 2.1 O “ETERNO” CASAMENTO .....  | 12        |
| 2.2 CASAL SEM FILHOS .....  | 14        |
| <b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>  | <b>21</b> |
| <b>4. OBJETIVOS .....</b>   | <b>22</b> |
| 4.1 OBJETIVO GERAL.....   | 22        |
| 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....   | 22        |
| <b>5. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>  | <b>23</b> |
| 5.1 CENÁRIO DO ESTUDO .....   | 23        |
| 5.2 PARTICIPANTES.....  | 24        |
| 5.3 DELINEAMENTO.....   | 26        |
| 5.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS.....   | 27        |
| 5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....  | 28        |
| 5.6 ANÁLISE DE DADOS .....  | 30        |
| <b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>  | <b>32</b> |
| ARTIGO 1 .....  | 33        |
| ARTIGO 2 .....  | 53        |
| <b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>72</b> |
| REFERÊNCIAS .....   | 74        |
| APÊNDICES .....   | 80        |
| APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....                   | 80        |
| APÊNDICE B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS.....                          | 83        |
| APÊNDICE C – JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO<br>INSTITUCIONAL.....   | 85        |
| APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....                       | 86        |
| APÊNDICE E - ENTREVISTA SOBRE A CONJUGALIDADE.....                              | 88        |
| APÊNDICE F - DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO<br>PSICOLÓGICO..... | 90        |

## APRESENTAÇÃO

Este estudo, intitulado “A experiência da conjugalidade em casais sem filhos por opção”, trata da temática da conjugalidade em casais que optaram por não ter filhos. O problema de pesquisa que norteou sua realização consistiu em: Como os casais sem filhos por opção experienciam a conjugalidade?

Para essa dissertação, inicia-se por uma breve introdução da temática da conjugalidade em casais sem filhos por opção, e a apresentação das motivações para seu estudo. Na sequência, a revisão teórica foi organizada em dois tópicos: (1) O “eterno” casamento e (2) Casal sem filhos. No primeiro tópico da revisão da literatura, buscou-se resgatar sinteticamente a história do casamento, abordando as diversas transformações vivenciadas por esse como instituição social e familiar. No segundo, destinado ao casal sem filhos, buscou-se construir um entendimento teórico e conceitual acerca das relações conjugais, abordando, para tanto, algumas dimensões específicas da conjugalidade sem filhos, como satisfação e estigmatização.

Em seguida, após a apresentação do objetivo do estudo, sua justificativa e características do método, os resultados e as discussões do estudo foram organizados em formato de artigos. O primeiro artigo, intitulado “Satisfação, coesão e compromisso: percepções da conjugalidade em casais sem filhos por opção” buscou entender a experiência de homens e mulheres sem filhos por opção em suas relações conjugais a partir dos construtos de satisfação, coesão, compromisso e papéis de gênero. O segundo artigo, por sua vez, “Experiências de casais sem filhos por opção: motivações e desejos”, teve por objetivo conhecer as motivações de homens e mulheres acerca da decisão por não ter filhos.

Por fim, foram tecidas as considerações finais do estudo, espaço em que se retomaram as questões exploradas ao longo do estudo, considerando-se os dois artigos resultantes, além de propor reflexões sobre o tema a partir de percepções da pesquisadora.

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo teve como temática de investigação a conjugalidade em casais que optaram por não ter filhos e esteve embasado teoricamente nos pressupostos epistemológicos do Pensamento Sistêmico (VASCONCELLOS, 2013). A teoria sistêmica, como uma das abordagens em psicologia, propõe compreender as relações e os sistemas humanos, visto que o sujeito é sempre parte componente de diversos sistemas e a família constitui-se em sua matriz de identificação. Para Cerveny (1997), cada família possui sua identidade e seu desenvolvimento envolve várias etapas, desde sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que a iniciaram. A família vem se transformando e novas dinâmicas são consideradas mais como ganhos do que como perdas de um “padrão”. As mudanças nas últimas décadas incidem sobre as estruturas das famílias e propiciaram o surgimento de novos rituais, novas formas de relacionamento e também novos conflitos familiares (CERVENY; BERTHOUD, 2009).

A conjugalidade é formada a partir da relação entre duas pessoas unidas entre si por laços afetivos e sexuais (MINUCHIN, 1982). A construção da identidade conjugal demanda grande investimento, considerando-se que são duas histórias, duas visões e tradições distintas que, na relação amorosa, convivem com um desejo conjunto e uma história de vida conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Ao observar a conjugalidade na atualidade, identifica-se um aumento no número de casais que escolhem não ter filhos, considerado um fenômeno contemporâneo que parece estar ligado à inserção da mulher no mercado de trabalho, à revolução sexual, advinda dos métodos contraceptivos, e ao investimento na carreira profissional. Tal decisão, contudo, exige do casal um reposicionamento em relação ao investimento no relacionamento amoroso, nas individualidades, na carreira profissional, nas conquistas financeiras, entre outros, além de ter de lidar com uma possível estigmatização, preconceito ou pressão social. Deste modo, identifica-se novas formas de conjugalidade dissociadas da continuidade geracional.

Até ao menos meados do século passado, homens e mulheres tinham papéis específicos e bem definidos perante o casamento: ao homem, pai e provedor, cabia ser o chefe da família e vivenciar a vida na rua. Da mulher, por sua vez, esperava-se fidelidade e obediência, sendo sua função centrada na procriação e na submissão às ordens do marido, ficando restrita ao contexto do lar (ARAÚJO, 2011). Atualmente, esses papéis não fazem parte da realidade de muitos casais e, para os casais foco deste estudo, a própria parentalidade não se apresenta como um componente da estrutura familiar. Ao considerar

as peculiaridades da experiência de casais sem filhos, Gradvohl (2015) apontou que homens e mulheres vivenciam de forma distintas a decisão por não ter filhos, e esta repercute de diferentes maneiras sobre suas vivências em seus relacionamentos familiares, sociais e profissionais. Os homens relatavam não se preocupar com a velhice sem filhos, não referiam envolver-se em cuidados com crianças da família de origem ou extensa, além de não se sentirem cobrados socialmente. Para as mulheres do estudo, foi constada uma preocupação com a velhice sem filhos, o envolvimento em cuidados com as crianças da família, como sobrinhos, afilhados e uma cobrança social (GRADVOHL, 2015).

Considerando tal contexto, esse estudo propõe-se a investigar a vivência da conjugalidade nesse contexto, compreendendo que diversas especificidades podem marcar as relações amorosas ocorridas quando os membros optam por não ter filhos. Mais especificamente, busca-se direcionar um olhar para os casais e suas experiências no que tange a conjugalidade e conhecer as motivações e desejos a cerca da decisão.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura deste estudo foi dividida em dois tópicos. O primeiro, intitulado “O 'eterno' casamento”, apresenta as transformações no casamento e nas concepções acerca desse ao longo da história e aborda alguns construtos que integram o fenômeno da conjugalidade e os elementos que a compõem em termos teóricos. O tópico “Casal sem filhos” abrange a literatura que considera especificamente os casais sem filhos e as repercussões de tal configuração familiar e na relação conjugal, incluindo fatores como: qualidade, ajustamento e satisfação conjugal.

### 2.1 O “ETERNO” CASAMENTO

A conjugalidade, como parte da família, se trata de um fenômeno em constante transformação, em consonância com as mudanças no contexto sócio-histórico. Segundo Del Priore (2015), desde a Idade Média e no Brasil Colônia, o casamento tinha objetivos claramente sociais e econômicos, sendo arranjado, indissolúvel e sendo a mulher vista como inferior perante o marido. No século XX, conforme Roudinesco (2003), o matrimônio ainda era visto como um lugar de respeito mais do que de prazer. As primeiras demonstrações de afeto eram destacadas na literatura, mas as mulheres ainda eram subordinadas à uma autoridade masculina e havia uma divisão rígida e hierárquica de papéis entre homens e mulheres.

A partir dos anos 1960, o modelo de união conjugal entre dois indivíduos passou a incluir a busca por relações de intimidade e realização sexual, sendo marcado, até os dias atuais, pelo desejo e subjetividade dos parceiros. As mudanças sociais, culturais, econômicas e de costumes redefiniram o casamento, de modo que a conjugalidade se constituiu em um espaço considerado como de encontro amoroso, embora tal concepção social não corresponda à realidade de muitas pessoas (SCORSOLINI-COMIN; ALVES-SILVA; SANTOS, 2018). Para Wagner e Mosmann (2012), o passado e o futuro dos modelos e padrões de casamento podem ser encontrados em nossa sociedade. O fato de que as pessoas são criadas e educadas em um contexto carregado de mitos sobre a conjugalidade, acaba por criar expectativas irreais a respeito da vida a dois, contribuindo para frustrações frente a não realização destas.

Em nossa cultura, a conjugalidade é considerada uma das tarefas da adultez. Quando se apresenta como espaço de bem-estar, apoio, afeto e o cuidado, o casamento pode ser pensado como uma instância potencializadora de saúde, o que favorece a manutenção da relação conjugal (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS,

2017). Ainda assim, o casamento tem assumido um tempo e formas de apresentação diferentes no ciclo de vida familiar, considerando que os homens e mulheres estão iniciando sua vida sexual mais cedo, casando-se mais tarde, além de ambos buscarem responder às exigências do mercado de trabalho e da consequente dupla carreira dos cônjuges (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009). Ao considerar os dados do ano de 2010 no Brasil, registrou 977.620 casamentos civis e, no momento do casamento, os homens tinham em média 29 anos e as mulheres 26 anos ao se casarem (IBGE, 2010). No ano de 2017, o Brasil registrou 1.070.376 casamentos civis e a diferença das idades médias em relação à década anterior ao assumir a união foi de aproximadamente 2 anos, sendo que os homens se casam em média aos 30 anos e as mulheres aos 28 anos de idade (IBGE, 2017).

Para Zordan, Falcke e Wagner (2009), a definição de casamento necessita a consideração das diversas conjugalidade existentes. Diferentes modelos de uniões entre casais se apresentam como possibilidades para responder às demandas e exigências dos diversos contextos de vida. De acordo com Wagner et al (2011), observa-se a coexistência de modelos tradicionais de casamento e novas formas de amar e relacionar-se. Todos os tipos de relações conjugais precisam ser considerados e respeitados, como as relações homoafetivas, os casais nas famílias recasadas e outras configurações possíveis. É difícil traçar um perfil único, tanto no que se refere à sua configuração quanto à sua estrutura, pois há um aumento de casais com dupla carreira, divórcios e recasamentos, maior participação financeira da mulher. Contudo, em paralelo a isso, identifica-se ainda dificuldades na aceitação de tal diversidade.

Em uma perspectiva estrutural de família, o sistema familiar se estrutura a partir de seus subsistemas, os quais configuram um reagrupamento de membros do complexo geral, baseado em uma relação diferente da que é estabelecida no sistema que as deu origem (RÍOS-GONZÁLES, 2003). Nesse sentido, a conjugalidade, dentro do sistema familiar, corresponde ao subsistema conjugal, sendo formada por duas pessoas unidas entre si, através de laços afetivos e sexuais/eróticos. Na perspectiva do ciclo de vida familiar, ser casal refere-se a uma das tarefas mais complicadas a ser desempenhadas. No estágio de união dos sujeitos no casamento, a partir de cada grupo familiar de origem, deve haver o comprometimento com a formação de um novo subsistema familiar, o subsistema conjugal (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Para Wagner, Tronco e Armani (2011), tornar-se um casal, envolve reordenamentos individuais, visando a construção da identidade conjugal e uma história de vida a dois. De acordo com Schmidt et al (2015),

envolve, ainda, questões mais amplas, como o contexto em que o casal está inserido e com o qual interage.

De acordo com Féres-Carneiro (1998), quando duas pessoas resolvem ficar juntas maritalmente, a escolha advém de um desejo individual. Assim, cada casal cria seu próprio modelo de ser casal, ou seja, duas identidades individuais que convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Na constituição do casal, a busca do espaço individual e pela autonomia, precisa ocorrer em paralelo à criação de um lugar comum de interação, que possibilite o desenvolvimento dos cônjuges e a construção de projetos em comum. O estudo de Smeha e Oliveira (2013) revela que jovens adultos desejam ter relações amorosas, respaldadas em sentimentos de afeto e o respeito aos interesses individuais de crescimento e desenvolvimento profissional.

Nesse sentido, o casamento apresenta diversos desafios a seus membros, uma vez que precisam congregam, dentre outros fatores, as expectativas de cada um dos cônjuges anteriores à relação, as experiências familiares de cada um, comportamentos, princípios e valores individuais, bem como, conflitos passados mal resolvidos e/ou frustrações (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016). Cabe salientar, no entanto, que uma relação saudável não é considerada como aquela em que não há conflitos entre o casal, pois este faz parte do cotidiano dos casais. Segundo Mosmann e Falcke (2011), a satisfação e a estabilidade das uniões não estão diretamente vinculadas à ausência ou presença de divergências entre o casal, mas devem ser compreendidas de forma mais ampla, considerando a frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam em sua rotina, o processo dinâmico do relacionamento e as estratégias utilizadas para a resolução dos conflitos. Assim, para Wagner (2011), o desenvolvimento da consciência acerca das escolhas na vida conjugal, a formulação de estratégias, a estabilidade e a construção em conjunto da relação favorecem à satisfação na relação.

## 2.2 CASAL SEM FILHOS

Para as pessoas que optaram por não ter filhos, o casamento está atrelado ao sentimento de realização pessoal e não mais à formação de uma família na qual os filhos estejam necessariamente presentes e haja continuidade geracional (RIOS; GOMES, 2009). Ao considerar essa configuração familiar, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2019 (IBGE, 2020) revelou que o casal com filhos ainda é predominante nos lares brasileiros 49% e o casal sem filhos aparece em segundo lugar

22/5, seguido por famílias com outros tipos de arranjos 17%, a unipessoal 9,2% e monoparental 2,1%.

A pesquisa qualitativa de Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018), realizada com cinco homens e cinco mulheres da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 33 e 37 anos sem filhos, mulheres e homens recém-casados ainda sofrem com a pressão para ter filhos. A possibilidade de escolha a esse respeito se solidifica ao longo dos anos, de modo que ter filhos passa a ser, cada vez mais, uma opção para os casais, assim como qualquer outra. Cresce o número de sujeitos que optam por não ter filhos, mesmo que poucos jovens adultos declarem, desde cedo, que não desejam tê-los (IBGE, 2014). O estudo americano de Harrington (2019), que utilizou-se de material clínico e evidências anedóticas, constatou que os casais que optam por não ter filhos vem aumentando ao longo dos anos, além de identificar que os questionamentos acerca da decisão são maiores para as mulheres do que para os homens.

Uma das escolhas mais importantes na vida de um ser humano é a decisão por ter filhos. Essa é uma preocupação bastante fundamentada, visto que implica em muitas mudanças na vida daqueles que assumem a parentalidade, assim como para a dinâmica conjugal. A esse respeito, em uma obra que atingiu grande repercussão, a psicanalista suíça Corinne Maier descreve de maneira crítica e um pouco humorística 40 razões para não ter filhos. Dentre tais razões, a autora aponta os elevados gastos com o filho, o realinhamento das prioridades, que acabam se voltando para a criança, o aumento de responsabilidades, a falta de uma rede de apoio e os conflitos conjugais (MAIER, 2008). O sucesso alcançado por sua obra literária pode ser pensado como o reflexo de uma mudança nas concepções sobre a parentalidade e no lugar dos filhos na família e no casamento e, por outro lado, pelo superinvestimento que se associada à parentalidade na atualidade.

Conforme Silva e Frizzo (2014), o ciclo de vida familiar proposto por Carter e McGoldrick (1995), o casal sem filhos pode ser pensado como um estado contínuo de “ninho vazio”, no qual os cônjuges têm sua energia dedicada ao próprio relacionamento ou em outros interesses, além de estarem ligados ao desenvolvimento de suas famílias de origem. Contudo, tal visão ainda toma o ciclo de vida do casal tradicional, com filhos, como parâmetro para o desenvolvimento de uma família sem filhos, o que se considera necessário ser revisto. O estudo americano de Pelton e Hertlein (2011) apresenta uma proposta de ciclo de vida familiar para casais voluntariamente sem filhos. As autoras propõem um ciclo de quatro tarefas voltado ao processo de decisão, estigma, identidade

conjugal e o legado que não dependa de ter filhos. A primeira tarefa é “O Processo de Tomada de Decisão”, o qual foca na decisão consciente dos casais para lidar com os possíveis reflexos, como conflitos do próprio casal, pressões externas e a criação de uma nova identidade. A segunda tarefa é denominada de “Gerenciar o estigma e a pressão” e envolve o processo de lidar com a pressão de familiares, amigos, conhecidos e sociedade. Além disso, compreende a identificação de gatilhos para sentimentos de estigmatização, a criação de estratégias de enfrentamento à pressão social e o estabelecimento de uma rede de apoio. A realização dessa tarefa pode auxiliar nas demais. A terceira tarefa, “Definindo uma identidade”, é considerada a tarefa mais importante do casal, e envolve aprender sobre si mesmos e uns sobre os outros, explorando suas qualidades e perseguindo seus interesses individuais e como casal. A última tarefa é denominada “Construir um sistema de suporte e deixar um legado” e diz respeito ao casal construir redes de apoio à medida que envelhece, como manter laços com amigos tanto como casal quanto fora da relação conjugal (PELTON; HERTLEIN, 2011).

Como características dos casais que optam por não ter filhos, destaca-se o desejo por investir em aspectos como individualidade, carreira profissional e conquistas financeiras que o trabalho pode proporcionar, aspectos esses que desafiam a vida familiar e conjugal (HECKLER; MOSMANN, 2014). A pesquisa de Pelton e Hertlein (2011) corrobora com os achados brasileiros, que verifica o desejo pela não-parentalidade vem da motivação de uma maior liberdade, independência, evitação de um possível estresse parental e pela satisfação na vida conjugal, já que esses casais possuem mais tempo para investir no relacionamento, interesses pessoais e viagens. Em consonância a isso, as pesquisas de Silva e Frizzo (2014) e Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018) identificaram que os casais sem filhos tendem a apresentar melhor desempenho em áreas como acadêmica e profissional, seguem suas metas de vida e demonstram maiores índices de ajustamento conjugal comparado aos casais que possuem filhos. O estudo de Silva e Frizzo (2014) realizado a partir de revisão narrativa da literatura nacional e internacional sobre casais que não têm filhos por opção, constatou-se características entre os cônjuges que favorecem a relação. Tanto homens quanto mulheres buscam realização profissional, dividem as tarefas domésticas, procuram em conjunto com o parceiro a satisfação afetiva e compartilham projetos de desenvolvimento profissional e intelectual. Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018), evidenciou que diversos fatores levam os casais a se questionarem sobre o projeto de ter filhos, dentre eles a qualidade no relacionamento conjugal, ao considerar que a chegada de um filho provoca intensas mudanças no

relacionamento.

Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018) investigaram o adiamento do projeto parental e identificaram que quando os casais optam por não ter filhos, a rotina é menos conturbada e marcada por maior autonomia e liberdade. Estes fatores são importantes ao considerar o projeto de ter filhos ou a opção de não os ter. A satisfação conjugal está ligada a diversos fatores, as vivências na família de origem, os traços de personalidade, a fase do ciclo vital em que o casal se encontra, entre outros (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

As pesquisas de Mendes e Pereira (2019) e Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020) apontaram que casais que decidiram não ter filhos tendem a apresentar um maior investimento em lazer, nas finanças, trabalho, igualdade no casamento, divisão de tarefas, equilíbrio entre vida sexual e amorosa, o que esteve associado a uma maior satisfação na relação conjugal comparada a casais que possuem filhos. Mendes e Pereira (2019), a partir do estudo com 5 casais heterossexuais que optaram por não ter filhos, com idade entre 26 e 51 anos da grande Porto Alegre – RS, verificaram que a decisão por não ter filhos se alinha aos ideais subjetivos contemporâneos. Os participantes da pesquisa apontaram que a ideia de filhos era considerada como algo restritivo, de modo que o casal precisa renunciar a certas realizações em função da parentalidade. Assim, há um desejo pela liberdade, a flexibilidade na carreira e os benefícios financeiros que a não-parentalidade traz. Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020) no estudo realizado com cinco homens e cinco mulheres sem filhos no Rio de Janeiro – RJ, também identificou que os participantes compreendiam que a chegada de um filho tornaria mais escasso o tempo dedicado ao casal e as responsabilidades da parentalidade direcionariam os casais a investir em outros projetos, considerados por eles mais satisfatórios, além de apontar que casais sem filhos têm um nível mais elevado de satisfação no relacionamento conjugal.

Lima e Alves (2010), no estudo paulista sobre satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos, através do Formulário do Conceito de Satisfação Conjugal (FCSC), Escala de Satisfação Conjugal (ESC) e Marital Adjustment Test (MAT-MARI), realizada com 174 sujeitos heterossexuais casados pela primeira vez com e sem filhos, compreendeu que a satisfação sofre mudanças com a chegada dos filhos e, normalmente, para pior. Do número total de participantes, 77 deles sem filhos declararam estar satisfeito com sua relação, enquanto 16 participantes sem filhos estavam insatisfeitos. Comparado aos participantes com filhos, 53 declaram estar satisfeitos e 28 estavam insatisfeitos com a relação conjugal. Segundo os autores, tal diferença pode se dever papel

parental estar mais em evidência, enquanto a conjugalidade fica em segundo plano entre os casais com filhos (LIMA; ALVES, 2010). Stahnke, Blackstone e Howard (2020), a fim de compreender a satisfação de vida de pessoas idosas, realizaram uma pesquisa com 14 mulheres idosas e sem filhos que moravam no sul da Florida nos Estados Unidos, identificaram que a satisfação é alcançada após muitas experiências de vida, como um processo, a maioria das participantes sentiu um maior sentimento de aceitação e realização à medida que envelheciam.

Homens e mulheres experienciam de diferentes modos a tomada de decisão pela escolha de não ter filhos. Os estudos gaúchos de Smeha e Calvano (2009) com seis mulheres, professoras universitárias com mais de trinta e cinco anos e sem filhos e Patias e Buaes (2009) com seis mulheres com idades variando de 29 a 44 anos e que optaram pela não maternidade, revelam que para as mulheres o peso é maior devido à pressão social baseada na concepção de que toda mulher tem "vocação para ser mãe", a busca pela identidade e realização profissional, através de diferentes discursos que as questionam a respeito da escolha/desejo de não ter filhos. Poucas pesquisas mostram a visão do homem diante da escolha de não ser pai. Conforme Gradwohl (2015), os homens são os primeiros a declararem o desejo pela não-paternidade comparados às mulheres e, ao compartilharem a decisão, em alguns ambientes são invejados, não sentem a pressão familiar como as mulheres, além da decisão não implicar no ambiente de trabalho. Por outro lado, os homens se sentem questionados em rela o   sua virilidade. O estudo pernambucano de Dias (2011) também confirma os achados sobre a diferença entre homens e mulheres. A pesquisa realizada com três casais heterossexuais com idades entre 27 e 57 anos que não tinham filhos e não pretendiam ter. Ao optarem por não ter filhos as mulheres se sentem como desviantes da norma social, e os homens sentem sua virilidade sendo questionada quando deixam claro a escolha por não ter filhos.

Apesar das mudanças sociais e da amplia o do conceito de família, casais sem filhos continuam sendo questionados acerca dessa decisão. Muitas vezes, tal escolha   considerada como um comportamento egoísta, avaliada de modo negativo pela sociedade, gerando até mesmo situa es de preconceito, exclusão e indigna o (RIOS; GOMES, 2009). No estudo de Park (2005), realizado com quatorze mulheres e nove homens do Reino Unido analisou os motivos pelos quais os participantes optaram por não ter filho, evidenciou-se que casais que decidem não ter filhos são vistos como egoístas, imaturos, individualistas ou até mesmo pessoas indesejáveis e desajustadas. Rios e Gomes (2009), afirmam que muitos manifestam estarem felizes com a escolha, no entanto, apresentam

dificuldades para terem sua decisão respeitada. Os cônjuges teriam maior probabilidade de revelar sua opção por não ter filhos para pessoas que parecem apresentar um ponto de vista semelhante a esse respeito, o que diminuiria as chances de serem confrontados com uma reação negativa.

Caetano, Martins e Motta (2016) realizaram um estudo com cinco casais heterossexuais e que optaram por não ter filhos da cidade de São Paulo e identificaram que os pais e amigos dos participantes alimentavam expectativas de que eles possam mudar de ideia, fato que dificultava a criação de autoconfiança e credibilidade acerca da decisão de não ter filhos. O preconceito e a não aceitação da escolha pela não parentalidade foi outro resultado encontrado pelas autoras, manifestando-se de diferentes formas, como: tentar convencer o casal a mudar de ideia, negar a decisão e condenar a escolha (CAETANO; MARTINS; MOTTA, 2016). O estudo italiano de Agrillo e Nelini (2008), uma revisão sobre a escolha de não ter filhos, constatou que pessoas que decidem não ter filhos assumem um estereótipo negativo pelo fato de estarem violando uma norma social. Nesse contexto, Mendes e Pereira (2019) apontam que alguns casais evitam dar explicações ou preferem fingir que não podem ter filhos para pôr fim aos questionamentos.

Na atualidade, os casais sem filhos também são conhecidos como: casais DINK ou *Childfree*. O primeiro refere-se a um acrônimo em inglês para *Double income, no kids* e tradução para o português como Duplo Ingresso, Nenhuma Criança (DINC), é caracterizado como pós-moderno, onde os dois cônjuges estão inseridos no mercado de trabalho, possuem maior autonomia e melhores níveis de bem-estar econômico (BARROS; ALVES; CAVENAGHI, 2008). O movimento *Childfree*, traduzido para “Sem filhos” ou “Livre de crianças”, vem ganhando espaço no Brasil e no mundo, é um fenômeno carregado de simbolismos e que aponta para um novo contexto social e novas formas de relacionamentos, entre eles espaços como restaurante e hotéis que não permitem a entrada de criança. Conforme Fernandes e Lacerda (2012), pessoas declaradas *Childfree* buscam favorecer uma maior liberdade e propor uma sociedade mais tolerante com aquele que faz a opção de não ter filhos, e que resguarde os direitos dos cidadãos contra os preconceitos ou as restrições sociais.

Nesse sentido, Gradwohl (2015) compreende que a decisão por não ter filhos faz parte da sociedade contemporânea, dos direitos reprodutivos das pessoas, mas ainda não é socialmente aceita de maneira uniforme, o que acaba gerando constrangimento ou até mesmo preconceitos às pessoas que declaram seu desejo pela não-parentalidade.

Conhecer as experiências de casais que tomaram essa decisão, entender sobre este fenômeno pode auxiliar em novas práticas de orientação em saúde e direitos sexuais, como também ampliar a autonomia, respeito e direitos das pessoas quanto suas decisões.

### 3. JUSTIFICATIVA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE considerou no censo demográfico de 2010, casal sem filho(s) aquele composto por somente duas pessoas em união conjugal. No Brasil, vem crescendo a cada ano o número de famílias sem filhos. No censo de 2000, 13% das famílias eram compostas por casais sem filhos, sendo as demais 54% famílias com filhos, 16% de famílias monoparentais e 17% de outros arranjos familiares (IBGE, 2000). Em comparação, no censo de 2010, as famílias sem filhos já correspondiam a 20% dos arranjos familiares brasileiros, sendo as demais, 55% famílias com filhos, 19% famílias monoparentais e 6% de outros tipos de família (IBGE, 2014). Esses dados associam-se às mudanças sociais, econômicas e culturais vivenciadas a partir da metade do século XX, incluindo o movimento feminista, a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e a chamada revolução sexual, que estiveram ligadas a mudanças importantes na concepção sobre família e casamento.

O casal sem filho tem se tornado um fenômeno social importante a ser considerado, não somente pelo crescimento desta configuração em nossa sociedade, mas por algumas de suas peculiaridades, como: menores desigualdades entre os cônjuges e melhores níveis de bem-estar econômico e social (ALVES; CAVENAGHI; BARROS, 2010). Contudo, a escolha por não ter filhos pode gerar dificuldades na vida a dois, como julgamentos, cobranças familiares ou sociais e exclusão em relação a amigos com filhos (BERNARDI; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2018).

Verifica-se, contudo, poucos estudos na literatura nacional que buscam investigar as experiências conjugais de casais sem filhos. No âmbito brasileiro, as pesquisas realizadas, muitas vezes incluem apenas mulheres, e retratam, no geral, as experiências dessas e as dificuldades implicadas em sua decisão, ou, ainda as motivações e estigmatizações sofridas frente à escolha do casal (RIOS; GOMES, 2009; SMEHA; CALVANO, 2009; SILVA; FRIZZO, 2014; MENDES; PEREIRA, 2019; BERNARDI; DANTAS; FÉRES-CARNEIRO, 2020). Na literatura internacional, alguns estudos investigam o impacto da decisão por não ter filhos ao longo da vida e do ciclo de vida familiar dos casais e muitos com o enfoque nas mulheres (PARK, 2005; PELTON; HERTLEIN, 2011; HARRINGTON, 2019; STAHNKE; BLACKSTONE; HOWARD, 2020). Percebe-se, uma carência de estudos que investiguem as percepções de homens e mulheres sem filhos no que diz respeito a experiência da conjugalidade nesse contexto.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender a experiência da conjugalidade de homens e mulheres em casamentos sem filhos por opção.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Entender a experiência de homens e mulheres sem filhos por opção em suas relações conjugais;

Conhecer as motivações de homens e mulheres acerca da decisão por não ter filhos.

## 5. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

### 5.1 CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo foi desenvolvido com 10 casais que optaram não ter filhos, acessados por indicações e a partir de dois grupos na rede social Facebook.

Para melhor entendimento do cenário do estudo, cabe explicitar brevemente os grupos acessados, além de justificar a escolha por sua utilização para composição da amostra da presente pesquisa. Devido à pandemia de covid-19 e ao considerar a particularidade da situação de pandêmica decretada no ano de 2020 e a declaração de emergência de saúde pública de relevância internacional (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020) optando-se, para realização da coleta de dados do estudo por meio online. Além disso, tal decisão possibilitou a ampliação do acesso a casais de diferentes estados do Brasil e mesmo brasileiros que estavam residindo no exterior. Dois grupos foram, então, selecionados para divulgação da pesquisa, sendo estes grupos destinados a pessoas que não querem ter filhos, tendo como maioria de seus participantes, mulheres. E indicações nas redes sociais de forma geral.

“Childfree Real - Voluntary childlessness” – grupo privado, foi criado em dezembro de 2017, contando com cerca de 3,2 mil membros, quando este estudo foi realizado (junho e julho de 2021). De acordo com descrição do grupo, são aceitos para participação pessoas que optaram por não ter filhos, sendo abordadas questões *childfree* sem promover ódio e discriminação contra mães e crianças, com o objetivo de promover a liberdade de um adulto de não ter um filho caso não deseje. Ainda, conceitualiza o grupo como um espaço de apoio e informações, com o objetivo de trocas, e sinalizam a importância de esse se constituir em um espaço sem preconceitos, julgamentos, visto que “Ao contrário da nova onda *childfree*, não odiamos crianças, apenas optamos por uma vida sem filhos” (sic).

“Childfree Brasil” – criado em setembro de 2018, grupo privado, com 2,1 mil membros à época da coleta de dados e bastante ativo em suas postagens. Segundo descrição dos responsáveis, refere-se a um grupo em que todos os membros compartilham o mesmo objetivo ser *childfree*. O grupo foi idealizado para reunir pessoas que não desejam filhos, que se sentem “estranhos no ninho”, com a finalidade de trocarem experiências, sendo proibida a entrada de pessoas que tenham filhos. No grupo são proibidas palavras de baixo calão, mas se referem a mães como “parideira” e as crianças como “catarrento e/ou catarenzo” (sic).

Para a realização da presente pesquisa, inicialmente solicitou-se participação nos grupos, salientando, como justificativa para ingresso, ser uma pesquisadora que buscava realizar um estudo com casais que não desejam ter filhos. Após aceite, realizou-se uma publicação nos grupos, com vistas a apresentar-se, bem como apresentar a pesquisa, seus procedimentos e objetivos, além de critérios de inclusão e exclusão. Nesta publicação, indicou-se que os interessados poderiam entrar em contato com a pesquisadora de forma privada, através de e-mail ou contato por mensagem direta no Facebook, ou, ainda, por meio de comentários na publicação. Do primeiro grupo participou um casal e do segundo grupo obteve-se a participação de cinco casais. Os demais (quatro casais) acessaram a pesquisa através de indicações de pessoas que visualizaram a publicação nas redes sociais.

## 5.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 10 casais heterossexuais que optaram por não ter filhos e manifestaram interesse em participar do estudo, além de cumprirem os critérios de inclusão definidos para o estudo, a saber: a) que estivessem casados (casamento/união estável) há no mínimo dois anos; b) declarado ter optado por não ter filhos voluntariamente; c) não ter filhos de outros relacionamentos; d) não ter realizado tratamento para engravidar previamente e ambos os cônjuges estarem disponíveis a participar do estudo. Além disso, como critério de exclusão, não participaram do estudo pessoas que apresentassem algum tipo de comprometimento cognitivo ou transtorno mental que dificultasse a compreensão dos instrumentos.

O número de participantes foi pensado a partir do conceito de amostragem por saturação teórica, em que se propõe a interrupção da inclusão de novos participantes quando os dados obtidos começam a apresentar, na percepção do pesquisador, uma repetição, ao criar um número de participantes adequado em pesquisas de abordagem qualitativa (FONTANELLA et al, 2011). Neste estudo, verificou-se que, a partir da décima oitava entrevista, os dados começaram a se repetir, não gerando novas categorias para análise. Foram, então, realizadas mais duas entrevistas, com vistas a assegurar a saturação, posteriormente interrompendo-se a coleta de dados com vinte participantes, ou seja, dez casais.

A tabela 1 apresenta a caracterização das participantes do estudo.

Tabela 1 – Caracterização das participantes do estudo.

| Participantes   |     | Idade | Estado Civil  | Tempo de Relacionamento | Estado (UF) | Profissão/Ocupação            | Nível de escolaridade    | Nível Socioeconômico <sup>1</sup> |
|-----------------|-----|-------|---------------|-------------------------|-------------|-------------------------------|--------------------------|-----------------------------------|
| <b>Casal 1</b>  | H1  | 33    | Casados       | 12 anos                 | MG (BRA)    | Programador Software          | Superior Completo        | 5 (alto)                          |
|                 | M1  | 40    |               |                         |             | Estudante                     | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 2</b>  | H2  | 44    | Casados       | 10 anos                 | RS (BRA)    | Desenhista Industrial         | Superior Completo        | 5 (alto)                          |
|                 | M2  | 38    |               |                         |             | Psicóloga                     | Pós-Graduação            |                                   |
| <b>Casal 3</b>  | H3  | 29    | União Estável | 5 anos                  | PR (BRA)    | Desenvolvedor Software        | Superior Completo        | 5 (alto)                          |
|                 | M3  | 24    |               |                         |             | Tradutora                     | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 4</b>  | H4  | 24    | Casados       | 3 anos                  | SP (BRA)    | Diretor de arte               | Superior Completo        | 5 (alto)                          |
|                 | M4  | 23    |               |                         |             | Diretora de arte              | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 5</b>  | H5  | 25    | União Estável | 4 anos                  | RJ (BRA)    | Auxiliar Hotelaria Hospitalar | Superior Incompleto      | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M5  | 27    |               |                         |             | Biomédica                     | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 6</b>  | H6  | 42    | União Estável | 4 anos                  | RJ (BRA)    | Professor Educação Física     | Pós-Graduação            | 5 (alto)                          |
|                 | M6  | 28    |               |                         |             | Pedagoga                      | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 7</b>  | H7  | 35    | Casados       | 13 anos                 | PR (BRA)    | Administrador                 | Pós-Graduação            | 5 (alto)                          |
|                 | M7  | 34    |               |                         |             | Enfermeira Obstetra           | Pós-Graduação            |                                   |
| <b>Casal 8</b>  | H8  | 36    | Casados       | 6 anos                  | BA (BRA)    | Empresário                    | Superior Completo        | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M8  | 29    |               |                         |             | Empresária                    | Superior Completo        |                                   |
| <b>Casal 9</b>  | H9  | 47    | Casados       | 22 anos                 | RS (EUA)    | Professor de Yoga             | Superior Completo        | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M9  | 45    |               |                         |             | Professor de Yoga             | Médio Completo           |                                   |
| <b>Casal 10</b> | H10 | 33    | Casados       | 12 anos                 | RS (NED)    | Jornalista                    | Superior Completo        | 5 (alto)                          |
|                 | M10 | 29    |               |                         |             | Arquiteta e Urbanista         | Ensino Superior Completo |                                   |

<sup>1</sup> Nível socioeconômico com base em Hollingshead (1975, adaptado por Tudge e Frizzo, 2002), sendo 1 (baixo), 2 (médio-baixo), 3 (médio), 4 (médio-alto) e 5 (alto).

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme observado na tabela, as mulheres participantes possuíam entre 23 e 45 anos e seus companheiros de 24 a 47 anos. Três casais possuíam união estável e sete eram casados, sendo três casamentos no religioso e quatro somente no civil. No que tange a seus relacionamentos, o tempo de relação variou de 3 anos a 22 anos. Ressalta-se que o tempo de relacionamento também incluiu a fase do namoro.

Quanto ao nível de escolaridade, uma participante possuía o ensino médio completo e um participante possui ensino superior incompleto (em andamento), sendo que todos os demais (18 participantes) possuíam ao menos o ensino superior completo (14 ensino superior completo e 4 pós-graduação). Referente a profissão, os participantes possuíam empregos formais, sendo que a participante M1 se considera estudante, pois realiza sua segunda graduação. Sobre o local de moradia, os participantes residiam em diferentes unidades federativas do Brasil (contemplando seis estados) e dois casais residiam fora do Brasil (Estados Unidos e Holanda).

### 5.3 DELINEAMENTO

O estudo envolveu uma pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa, contento coleta de dados em profundidade e múltiplas informações, com foco na complexidade do fenômeno da conjugalidade. Conforme Gil (2010), a pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa prioriza a clareza do problema a ser investigado, tornando-o mais compreensível para novas descobertas. Segundo o autor, a pesquisa de caráter exploratório tem como objetivo proporcionar maior autonomia ao pesquisador, gerando familiaridade com o problema pesquisado.

O estudo descritivo, por sua vez, possibilita a observação, descrição e classificação sobre o objeto de trabalho, objetivando primeiro a descrição de características de determinado acontecimento a ser estudado (GIL, 2010). Por fim, segundo Minayo (2008), a pesquisa qualitativa visa priorizar a caracterização, a compreensão e a interpretação do fenômeno estudado, coerente com a investigação de conceitos, percepções e motivações.

Com base na proposta de Vasconcellos (2013), o estudo será embasado teoricamente nos pressupostos epistemológicos do Pensamento Sistêmico, entendido como o novo paradigma da ciência ou “pensamento novo-paradigmático”. O Pensamento Sistêmico propõe um olhar aos fenômenos a partir dos fundamentos da complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

#### 5.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, foi dado início à coleta de dados. O contato com os participantes se deu através de indicações e da divulgação do estudo em rede sociais. Além dos sujeitos que se dispuserem a participar do estudo, aqueles que acessarem a publicação da pesquisa puderam indicar conhecidos para participarem do estudo desde que se enquadrem nos critérios de inclusão. Após as indicações, a pesquisadora entrou em contato para fazer o convite aos possíveis participantes. Trata-se, portanto, de uma amostra não probabilística e por conveniência (COZBY, 2006). Ressalta-se, dessa forma, que o contato foi realizado diretamente com os participantes, sem intermédio de instituições. Nesse tocante, esse estudo não necessitou de Autorização Institucional, uma vez que não houve vínculo com nenhuma instituição, conforme consta no Apêndice C.

Com os casais que aceitaram participar do estudo, explicou-se sobre a forma como a entrevista ocorreria (a partir de videochamadas), e que essas seriam gravadas em áudio, com o objetivo de posterior transcrição com fidedignidade ao que foi falado por eles. O encontro foi realizado em um único momento, de forma individual com cada um dos membros do casal, e teve duração aproximada de duas horas, todos conduzidos pela pesquisadora. Segundo Reczek (2014), o uso de entrevistas individuais em casais oferece múltiplas perspectivas e uma visão mais completa da dinâmica familiar. Neste encontro, após a assinatura do TCLE, os participantes foram convidados a responder a um Questionário de Dados Sociodemográficos, a uma Entrevista sobre a Conjugalidade.

No que tange ao contato de forma remota com os participantes, justifica-se pela peculiaridade do cenário de pandemia do Coronavírus no Brasil, no período da realização da coleta de dados da pesquisa (primeiro semestre de 2021). Desde março de 2020, a rápida disseminação do coronavírus (COVID-19) por todo território nacional, declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de importância internacional, exigiu o sancionamento de medidas com vistas à segurança e proteção da população, tendo como prioridade o distanciamento físico, a fim de evitar a exposição e contágio pelo vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020b). Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas de forma virtual, mediada por ferramentas como o Google Meet. Para Lira (2022) a plataforma garante as informações protegidas por criptografia, que é um recurso tecnológico fundamental para a proteção tanto dos dados que estão armazenados em dispositivos eletrônicos, além de possuir diversos recursos, como a gravação da videochamada.

Salienta-se que foi realizado um estudo piloto para verificar a adequação dos instrumentos. O estudo piloto foi realizado com a primeira participante contatada pela pesquisadora. Posteriormente, esses foram transcritos, e a pesquisadora, em conjunto com a orientadora do projeto, avaliaram os instrumentos a partir do entendimento da participante a eles, assim como a adequação das perguntas e a aplicação online. A partir dessa, foi possível verificar certa ambiguidade em algumas questões, as quais foram reestruturadas e reorganizadas, de forma a torná-las mais claras. Os dados coletados a partir do projeto piloto foram considerados para a análise dos resultados.

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados, sendo eles:

(1) Questionário de Dados Sociodemográficos (APÊNDICE D), que foi aplicado com vistas a obter uma caracterização geral dos participantes, bem como, de seu contexto de vida, incluindo informações como idade, ocupação profissional, renda familiar e tempo de relacionamento.

(2) Entrevista sobre a Conjugalidade (APÊNDICE E), organizada e aplicada de forma semiestruturada. Esse instrumento buscou compreender a conjugalidade no contexto da decisão de não ter filhos voluntariamente, tendo como eixos centrais os seguintes temas: experiências relacionadas à conjugalidade e concepções relativas ao casamento e à parentalidade. No que tange ao primeiro eixo, foram abordadas questões sobre a rotina e gerenciamento do tempo, a relação do casal, significados do casamento, os desafios da relação e satisfação conjugal. O segundo eixo visou compreender a escolha, motivações e desejos associados à decisão de não ter filhos, os impactos causados na vida conjugal, as repercussões da família de origem e pressões ou críticas sociais.

## 5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A presente pesquisa contemplou a Resolução nº 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as pesquisas com seres humanos em Ciências Sociais e Humanas no Brasil. Nesse sentido, a pesquisadora assumiu um compromisso ético com os participantes envolvidos na pesquisa, e que ponderou entre riscos e benefícios individuais ou coletivos, priorizando o máximo de benefícios e mínimo de danos aos participantes (BRASIL, 2016).

Inicialmente, realizou-se a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM, o qual obteve parecer favorável a partir do número CAAE 44323121.0.0000.5346. Aos participantes foi assegurado o sigilo, a confidencialidade dos dados, a livre escolha em participar ou não da pesquisa e a desistência ou retirada do

consentimento em qualquer momento do estudo. Esses aspectos foram garantidos pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ([TCLE] APÊNDICE A). A realização da pesquisa ocorreu de forma online, o TCLE foi organizado em uma plataforma online (Google Forms), na qual continha o texto padrão do TCLE, atendendo às exigências das resoluções supracitadas, adaptado ao veículo utilizado, além de, ao final, um campo de Consentimento Pós Informação, conforme orientação do CEP (CEP/UFAM, 2019), no qual os participantes deram seu aceite. No momento da entrevista, após leitura conjunta do documento e retirada de dúvidas, o aceite foi dado também de forma verbal pelos participantes. Esses receberam uma cópia do TCLE em formato PDF com a assinatura da pesquisadora, com a orientação de salvarem o documento e, se desejarem, o imprimirem, ao encontro do preconizado pela Comissão Nacional de ética em Pesquisa – CONEP (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a).

Assegurou-se, também, o compromisso com a confidencialidade dos dados provenientes da pesquisa. Esses apenas serão divulgados de forma anônima no meio acadêmico e científico, sem utilização de informações que identifiquem os participantes. Ademais, os dados serão mantidos em local apropriado, a saber, na Avenida Roraima, nº 1000, no Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala nº qual a sala 3206-A, bairro Camobi, Santa Maria/RS, sob a responsabilidade da professora pesquisadora responsável, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Caroline Rubin Rossato Pereira, sendo destruídos após cinco anos da realização da pesquisa. Esses aspectos são assegurados pelo Termo de Confidencialidade dos Dados (APÊNDICE B).

Para garantir a efetividade e privacidade da realização da pesquisa online (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020), a pesquisadora assegurou aos participantes que realizaria a coleta de dados a partir de um local silencioso e sigiloso, que conferisse confidencialidade às informações compartilhadas. Solicitou-se, ao mesmo tempo, que os participantes estivessem sozinhos, assegurando o mínimo de interrupções, em um ambiente que se sentissem confortáveis, e que, preferencialmente, utilizassem fones de ouvido. Além disso, salientou-se a necessidade de as participantes possuírem uma conexão de internet estável, que possibilitasse a realização da pesquisa.

Esse estudo é considerado de riscos mínimos. Previu-se que no decorrer da pesquisa poderiam ocorrer os seguintes desconfortos ou riscos: cansaço ao responder as perguntas, desconforto ao pensar sobre as informações contidas nas entrevistas. A pesquisadora salientou aos participantes que, caso algum desconforto fosse observado, a situação seria avaliada, podendo a participação ser suspensa. Além disso, caso houvesse

necessidade os participantes poderiam ser encaminhados para atendimento psicológico gratuito, oferecido pelo Projeto de Extensão “Enlaces – Estudos e Intervenções em Terapia Familiar e de Casal”, garantido através do Apêndice F. Esse projeto é vinculado ao Núcleo de Estudos Famílias e suas Relações (NEFRE), grupo que a pesquisadora compõe e os atendimentos seriam realizados de forma online.

Em relação aos benefícios observados através da participação na pesquisa, destaca-se que os participantes puderam compartilhar suas experiências sobre a conjugalidade e a opção de não ter filhos, possibilitou-se um momento de reflexão sobre as vivências relacionadas às suas relações conjugais, visto que se direcionou uma escuta atenta e livre de julgamentos. Ainda, a participação contribuiu com a construção do conhecimento científico sobre a temática em questão, o que pode resultar em benefícios para outros casais que vivenciam relações nesse contexto, bem como, auxiliar outros profissionais e pesquisadores. A maioria dos participantes referiu sentir-se beneficiados em participar da pesquisa, demonstrando gratidão pelo espaço de escuta e valorização de suas experiências proporcionado pela mesma, além de demonstrarem necessidade de falar sobre essas vivências. Por fim, destaca-se que, após a apreciação desta pesquisa pela banca avaliadora, ser realizada a devolução dos dados encontrados aos casais participantes do estudo.

## 5.6 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados por meio do Questionário de Dados Sociodemográficos foram utilizados para caracterizar os participantes do estudo. Para a análise dos dados obtidos por meio da Entrevista sobre a Conjugalidade foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009). Esta visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens coletadas, produzir inferências de conhecimentos, permitindo a construção das categorias temáticas (BARDIN, 2009). A partir das entrevistas transcritas, buscou-se identificar unidades de sentido a fim de constituir categorias temáticas, visando a uma melhor compreensão e sintetização dos resultados. Neste processo, foram apresentados os aspectos mais relevantes e frequentes das entrevistas, assim como peculiaridades na experiência relatada pelos participantes.

As temáticas relacionadas os objetivos do estudo identificadas a partir da leitura de todas as entrevistas foram agrupadas, sistematizadas e organizadas em categorias de análise por núcleos de sentido. Uma vez estabelecidas as categorias de análise, para o tratamento e interpretação dos resultados buscou-se identificar e descrever as informações

mais relevantes entre as falas dos participantes, indicando aspectos comuns assim como divergências. Além disso, a análise direcionou o seu olhar aos aspectos não explícitos das produções dos participantes, de modo a produzir inferências e interpretações a esse respeito.

Na tabela 2, é possível verificar as categorias de análise definidas para os artigos.

| Categorias                                |                                |
|---|--------------------------------|
| Artigo 1                                  | Artigo 2                       |
| <i>1. Satisfação e qualidade conjugal</i> | <i>1. Motivações e desejos</i> |
| <i>2. Coesão</i>                          | <i>2. Visão social</i>         |
| <i>3. Compromisso</i>                     |                                |
| <i>4. Divisão de papéis e tarefas</i>     |                                |

Tabela 2. Categorias de análise.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados e as discussões oriundos deste estudo serão apresentados sob o formato de dois artigos científicos, intitulados: “Satisfação, coesão e compromisso: percepções da conjugalidade em casais sem filhos por opção”; e “Experiências de casais sem filhos por opção: motivações e desejos”.

## ARTIGO 1

### **Satisfação, coesão e compromisso: percepções da conjugalidade em casais sem filhos por opção<sup>2</sup>**

#### **Resumo**

O casamento passou, gradualmente, a ser relacionado ao sentimento de realização pessoal e não mais à formação de uma família na qual os filhos estejam necessariamente presentes e haja continuidade geracional. Nesse sentido, este estudo objetivou compreender a experiência de casais sem filhos acerca da conjugalidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo. Participaram do estudo dez casais que optaram por não ter filhos. Como instrumentos, utilizou-se um questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada, a qual foi analisada a partir da Análise Conteúdo. Os resultados encontrados demonstraram que os casais percebiam-se com altos níveis de satisfação conjugal, identificando suas relações amorosas como saudáveis e leves. Os participantes apontaram para um enfoque na relação conjugal, parceria e uma relação de igualdade, além de baixos níveis de conflitos. O compromisso assumido com seus relacionamentos mostrou-se associado, além do amor sentido pelos parceiros, a um desejo de manutenção do casamento e de sua família. Destaca-se que os casais participantes atribuíam significados positivos à vivência da conjugalidade em meio a escolha de não ter filhos, mesmo considerando as fragilidades inerentes ao contexto, como a cobrança e o estigma social.

**Palavras-chave:** Relacionamento Conjugal; Sem filhos; Satisfação pessoal.

### **Satisfaction, cohesion and commitment: perceptions of conjugality in couples without children by choice**

#### **Abstract**

Marriage gradually came to be related to the feeling of personal fulfillment and no longer to the formation of a family in which children are necessarily present and there is generational continuity. In this sense, this study aimed to understand the experience of childless couples about conjugality. Therefore, an exploratory-descriptive research was carried out, with a qualitative character. Ten couples who chose not to have children participated in the study. As instruments, we used a questionnaire of sociodemographic data and a semi-structured interview, which was analyzed using Content Analysis. The

---

<sup>2</sup> Este artigo é derivado da Dissertação de Mestrado em Psicologia da primeira autora.

results found showed that couples perceived themselves with high levels of marital satisfaction, identifying their love relationships as healthy and light. Participants pointed to a focus on the marital relationship, partnership and a relationship of equality, in addition to low levels of conflict. The commitment assumed with their relationships was associated, in addition to the love felt by their partners, with a desire to maintain their marriage and their family. It is noteworthy that the participating couples attributed positive meanings to the experience of conjugality in the midst of choosing not to have children, even considering the inherent fragilities of the context, such as demands and social stigma.

**Keywords:** Marital Relationship; Without children; Personal satisfaction.

### **Introdução**

A conjugalidade, como parte da família, se trata de um fenômeno em constante transformação, em consonância com as mudanças no contexto sócio-histórico. Segundo Del Priore (2015), desde a Idade Média e no Brasil Colônia, o casamento tinha objetivos claramente sociais e econômicos, sendo arranjado, indissolúvel e sendo a mulher vista como inferior perante o marido. No século XX, conforme Roudinesco (2003), o matrimônio ainda era visto como um lugar de respeito mais do que de prazer. As primeiras demonstrações de afeto eram destacadas na literatura, mas as mulheres ainda eram subordinadas à uma autoridade masculina e havia uma divisão rígida e hierárquica de papéis entre homens e mulheres. Para Araújo (2011), homens e mulheres tinham papéis específicos e bem definidos perante o casamento: ao homem, pai e provedor, cabia ser o chefe da família e vivenciar a vida na rua. Da mulher, por sua vez, esperava-se fidelidade e obediência, sendo sua função centrada na procriação e na submissão às ordens do marido, ficando restrita ao contexto do lar.

A partir dos anos 1960, o modelo de união conjugal entre dois indivíduos passou a incluir a busca por relações de intimidade e realização sexual, sendo marcado até os dias atuais pelo desejo e subjetividade dos parceiros. As mudanças sociais, culturais, econômicas e de costumes redefiniram o casamento, de modo que a conjugalidade se constituiu em um espaço considerado como de encontro amoroso, uma concepção social que não corresponde à realidade de muitas pessoas (SCORSOLINI-COMIN; ALVES-SILVA; SANTOS, 2018). De acordo com Féres-Carneiro (1998), na atualidade, quando duas pessoas resolvem ficar juntas maritalmente, a escolha advém de um desejo individual. Assim, cada casal cria seu próprio modelo de ser casal, ou seja, duas

identidades individuais que convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.

Para as pessoas que optaram por não ter filhos, o casamento passou, gradualmente, a ser relacionado ao sentimento de realização pessoal e não mais à formação de uma família na qual os filhos estejam necessariamente presentes e haja continuidade geracional (RIOS; GOMES, 2009). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2019 (IBGE, 2020) revela que o casal com filhos ainda é predominante nos lares brasileiros 49% e o casal sem filhos aparece em segundo lugar 22,5, seguido por famílias com outros tipos de arranjos 17%, a unipessoal 9,2% e monoparental 2,1%.

Uma das escolhas mais importantes na vida de um ser humano é a decisão por ter filhos. Essa é uma preocupação bastante fundamentada, visto que implica em muitas mudanças na vida daqueles que assumem a parentalidade, assim como para a dinâmica conjugal. Nesse sentido, cresce o número de sujeitos que optam por não ter filhos, mesmo que poucos jovens adultos declarem, desde cedo, que não desejam tê-los (IBGE, 2014). Como características dos casais que optam por não ter filhos, destaca-se o desejo por investir em aspectos como individualidade, carreira profissional e conquistas financeiras que o trabalho pode proporcionar, aspectos esses que desafiam a vida familiar e conjugal (HECKLER; MOSMANN, 2014).

Pesquisas brasileiras afirmam que os casais sem filhos tendem a apresentar melhor desempenho em áreas como acadêmica e profissional, seguem suas metas de vida e demonstram maiores índices de ajustamento conjugal quando comparados a casais com filhos (SILVA; FRIZZO, 2014; BERNARDI; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2018; COELHO, SOUZA, SILVA, 2020). O estudo de Lima e Alves (2010), realizada com 174 sujeitos casados da cidade de São Paulo, identificou maiores níveis de satisfação conjugal entre os casais sem filhos em relação àqueles com filhos. Tal diferença, segundo os autores, pode se dever ao papel parental estar em evidência nos casais com filhos, enquanto a conjugalidade fica em segundo plano (LIMA; ALVES, 2010).

Ressalta-se que, em nível internacional, a maior parte dos estudos se dedica à compreensão das repercussões da decisão de não ter filhos e a relação conjugal. O estudo de Powell (2020), realizado nos Estados Unidos com setenta e dois participantes através de um questionário online, afirmou que casais sem filhos possuem altos níveis de satisfação conjugal e de ajuste conjugal e relações mais próximas quando comparado a casais com filhos. De acordo com Pelton e Hertlein (2011), que apresentam uma proposta de ciclo de vida familiar para casais voluntariamente sem filhos, os altos níveis de

satisfação no relacionamento se justificam porque os casais investem na relação a dois e não se sentem pressionados a permanecer no relacionamento. Para Park (2005), em seu estudo realizado com quatorze mulheres e nove homens do Reino Unido analisou os motivos pelos quais os participantes optaram por não ter filho, a satisfação conjugal é o segundo motivo mais mencionado pelos participantes, ficando atrás da liberdade da responsabilidade do cuidado infantil, e maior oportunidade de autorrealização. A partir do exposto, esse estudo teve por objetivo entender a experiência de homens e mulheres sem filhos por opção em suas relações conjugais. Mais especificamente, buscou direcionar um olhar sobre as vivências conjugais de casais sem filhos a partir dos construtos coesão, compromisso, satisfação conjugal e divisão de papéis e tarefas.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram deste estudo 10 casais sem filhos que estavam em um relacionamento (união estável ou casamento) e que não tinham filhos de outros relacionamentos e não haviam realizado tratamento para engravidar. O critério estabelecido para definição do número de participantes foi o de amostragem por saturação teórica e a coleta de dados foi interrompida quando os dados começaram a apresentar recorrência, na percepção da pesquisadora (FONTANELLA et al, 2011).

Os participantes foram acessados através de dois grupos da rede social Facebook, os quais destinam-se a pessoas sem filhos. Trata-se de grupos fechados, que funcionam como espaços de diálogos, trocas de informações e interação. À época de realização da coleta de dados (junho e julho de 2021), um dos grupos possuía 3,2 mil membros, e o outro, 2,1 mil. Os nomes dos grupos foram suprimidos, a fim de não expor seus membros e/ou as participantes do estudo.

Os integrantes do estudo tinham entre 23 e 47 anos, sendo que 7 definiam-se como casados, e 3 referiram estar em uma união estável com seus companheiros. Eles residiam em diferentes estados do Brasil, incluindo São Paulo (1), Rio Grande do Sul (1), Minas Gerais (1), Bahia (1), Paraná (2) e Rio de Janeiro (2) e dois moravam fora do país, nos Estados Unidos e Holanda. Na Tabela 1, apresenta-se uma caracterização detalhada dos participantes.

Com vistas a proteger a identidade dos participantes do estudo, estes serão identificados a partir da letra H e M, inicial de homem e mulher, seguido do número correspondente à ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Tabela 1 – Caracterização das participantes do estudo.

| Participantes   |     | Idade | Estado Civil  | Tempo de Relacionamento | Estado (UF) | Profissão/<br>Ocupação        | Nível de escolaridade | Nível Socioeconômico <sup>3</sup> |
|-----------------|-----|-------|---------------|-------------------------|-------------|-------------------------------|-----------------------|-----------------------------------|
| <b>Casal 1</b>  | H1  | 33    | Casados       | 12 anos                 | MG (BRA)    | Programador Software          | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|                 | M1  | 40    |               |                         |             | Estudante                     | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 2</b>  | H2  | 44    | Casados       | 10 anos                 | RS (BRA)    | Desenhista Industrial         | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|                 | M2  | 38    |               |                         |             | Psicóloga                     | Pós-Graduação         |                                   |
| <b>Casal 3</b>  | H3  | 29    | União Estável | 5 anos                  | PR (BRA)    | Desenvolvedor Software        | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|                 | M3  | 24    |               |                         |             | Tradutora                     | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 4</b>  | H4  | 24    | Casados       | 3 anos                  | SP (BRA)    | Diretor de arte               | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|                 | M4  | 23    |               |                         |             | Diretora de arte              | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 5</b>  | H5  | 25    | União Estável | 4 anos                  | RJ (BRA)    | Auxiliar Hotelaria Hospitalar | Superior Incompleto   | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M5  | 27    |               |                         |             | Biomédica                     | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 6</b>  | H6  | 42    | União Estável | 4 anos                  | RJ (BRA)    | Professor Educação Física     | Pós-Graduação         | 5 (alto)                          |
|                 | M6  | 28    |               |                         |             | Pedagoga                      | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 7</b>  | H7  | 35    | Casados       | 13 anos                 | PR (BRA)    | Administrador                 | Pós-Graduação         | 5 (alto)                          |
|                 | M7  | 34    |               |                         |             | Enfermeira Obstetra           | Pós-Graduação         |                                   |
| <b>Casal 8</b>  | H8  | 36    | Casados       | 6 anos                  | BA (BRA)    | Empresário                    | Superior Completo     | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M8  | 29    |               |                         |             | Empresária                    | Superior Completo     |                                   |
| <b>Casal 9</b>  | H9  | 47    | Casados       | 22 anos                 | RS (EUA)    | Professor de Yoga             | Superior Completo     | 4 (médio-alto)                    |
|                 | M9  | 45    |               |                         |             | Professor de Yoga             | Médio Completo        |                                   |
| <b>Casal 10</b> | H10 | 33    | Casados       | 12 anos                 | RS (NED)    | Jornalista                    | Superior Completo     | 5 (alto)                          |

<sup>3</sup> Nível socioeconômico com base em Hollingshead (1975, adaptado por Tudge e Frizzo, 2002), sendo 1 (baixo), 2 (médio-baixo), 3 (médio), 4 (médio-alto) e 5 (alto).

|  |     |    |  |  |  |                       |                          |  |
|--|-----|----|--|--|--|-----------------------|--------------------------|--|
|  | M10 | 29 |  |  |  | Arquiteta e Urbanista | Ensino Superior Completo |  |
|--|-----|----|--|--|--|-----------------------|--------------------------|--|

Fonte: elaborado pela autora.

### **Delineamento**

Este estudo caracteriza-se como de caráter qualitativo, ao atentar ao universo microsocial e ao aprofundamento dos fenômenos humanos (STAKE, 2006). Refere-se a uma pesquisa transversal, dado que a coleta de dados ocorreu de uma única vez, e centrou-se em um momento específico da vida das participantes (BREAKWELL; ROSE, 2010). É também descritiva, ao buscar descrever características de determinada população ou fenômeno, e exploratória, ao proporcionar o aprofundamento e a familiaridade com foco na complexidade do fenômeno da conjugalidade (GIL, 2010).

### **Instrumentos e Procedimentos**

Os participantes deste estudo responderam, de forma individual, a dois instrumentos. O primeiro referiu-se a um Questionário de Dados Sociodemográficos, aplicado com vistas a obter a caracterização dos participantes e de seus companheiros, bem como, de seu contexto de vida. Posteriormente, os casais responderam a uma Entrevista semiestruturada sobre Conjugalidade, que buscou compreender conjugalidade no contexto da decisão de não ter filhos voluntariamente, tendo como eixos centrais os seguintes temas: experiências relacionadas à conjugalidade e concepções relativas ao casamento e à parentalidade.

Com a obtenção de parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de vinculação da pesquisadora (CAAE número 44323121.0.0000.5346), os grupos do Facebook foram acessados, e, com autorização dos responsáveis pelos grupos do Facebook, foi realizada uma publicação, a qual continha os dados referentes à pesquisa, tais como seus objetivos e procedimentos, além dos critérios de inclusão para participação no estudo. No primeiro contato com cada participante, esclareceu-se, de forma mais detalhada, os procedimentos metodológicos e éticos do estudo, além de agendar dia e horário para realização do mesmo e fornecer orientações que viabilizariam a participação dos casais, a saber, que eles estivessem em lugar silencioso e que proporcionasse privacidade, que preferencialmente utilizassem fones de ouvido, e que dispusessem de uma conexão de internet estável.

A realização da coleta dos dados foi realizada de forma online, através do

aplicativo de *Google Meet*. No dia agendado entre a pesquisadora e o(a) participante, foi realizada uma videochamada. Inicialmente, foi enviado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), através do link para a plataforma online Google Forms. A entrevista teve duração de cerca de 1h30m, e foi gravada em vídeo e áudio. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra, possibilitando sua análise.

### **Análise dos Dados**

Uma análise descritiva foi realizada nos dados coletados a partir do Questionário de Dados Sociodemográficos. Essa foi utilizada com o objetivo de caracterizar as participantes do estudo. Para a análise dos dados obtidos por meio da Entrevista sobre a Conjugalidade foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009). Esta visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens coletadas, produzir inferências de conhecimentos, permitindo a construção das categorias temáticas (BARDIN, 2009). A partir das entrevistas transcritas, buscou-se identificar unidades de sentido a fim de constituir categorias temáticas, visando a uma melhor compreensão e sintetização dos resultados. Neste processo, foram apresentados os aspectos mais relevantes e frequentes das entrevistas, assim como peculiaridades na experiência relatada pelos participantes.

A partir da análise dos dados, os resultados foram sistematizados a partir de quatro categorias: (1) Satisfação e qualidade conjugal, (2) Coesão, (3) Compromisso, e (4) Divisão de papéis e tarefas, as quais serão apresentadas e discutidas a seguir.

## **Resultados e Discussão**

### **1. Satisfação e Qualidade Conjugal**

Satisfação e qualidade conjugal são conceitos diferentes, apesar de estarem muito ligados. A satisfação conjugal é compreendida como uma avaliação pessoal do relacionamento a partir do ponto de vista dos cônjuges. A qualidade, por sua vez, é entendida como o desempenho na e da relação (NARCISO; RIBEIRO, 2009). Para Scorsolini-Comin e Santos (2011), a satisfação e a qualidade conjugal podem estar associadas a sensações e sentimentos de bem-estar, intimidade, segurança e expectativas e desejos que os casais têm do casamento. Considerada um conceito comum para avaliação da felicidade e estabilidade conjugal, está também relacionada à realização das necessidades individuais (BERNARDI; DANTAS; FÉRES-CARNEIRO, 2020).

Nesse tocante, na percepção dos casais participantes do estudo, mesmo com o passar dos anos, a sensação de enamoramento com o cônjuge e satisfação com a relação continuam presentes: “Extremamente satisfeita, eu me sinto muito feliz, sempre apaixonada. Eles costumam falar que no início de um relacionamento você está na fase de lua de mel, eu sinto que eu estou na fase da lua de mel faz uns 5 anos” (M3); “12 anos [de relacionamento] e mudou muito com a consideração de ser melhor pro outro. [...] Eu acho que é a nossa admiração um pelo outro, é uma das coisas que me agrada” (M10).

Os altos níveis de satisfação no relacionamento referidos, corroboram o identificado por Silva e Frizzo (2014) em uma revisão narrativa da literatura sobre casais sem filhos por opção, que apontou que os estudos empíricos têm refutado a ideia de que casais sem filhos não teriam bons relacionamentos. Nesse mesmo sentido, os achados de Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), que, a partir de um estudo realizado com cinco homens e cinco mulheres sem filhos da cidade do Rio de Janeiro, apontaram níveis elevados de satisfação no relacionamento conjugal, associados, segundo os participantes, à ausência de responsabilidades características da parentalidade. Ainda, para Neto, Strey e Magalhães (2011), o clima de romance auxilia a contornar as possíveis insatisfações do relacionamento.

Os relatos dos participantes indicam satisfação na relação conjugal, considerada como leve e agradável: “Às vezes as pessoas falam e tratam o casamento como um problema, como um peso, um fardo, nunca para mim o casamento foi um fardo, um problema” (M2); “Nunca pensei que ia ser tão bom viver com uma pessoa, compartilhar as coisas com uma pessoa. [...] Sou muito satisfeita, não teria feito uma escolha melhor. Em nenhum relacionamento que passou, não consigo me ver melhor. Não consigo me ver com outras opções. Isso é satisfação. Não procurar outras coisas e nem pensar que o passado poderia ter sido melhor” (M8). Nesse sentido, os casais corroboram com os estudos de Scorsolini-Comin e Santos (2011), onde os elevados níveis de satisfação, como os apontados, estão ligados a casamentos saudáveis, suporte emocional, conseqüentemente, saúde e qualidade de vida dos indivíduos (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2011).

Relacionado a isso, a amizade, como componente da relação conjugal, foi destacada na experiência dos participantes: “Eu acho que a gente se dá muito bem. A gente tem uma relação muito saudável. Primeiro, a forma como nossa relação começou. Como a gente sentou para primeiro ser amigos, nós sempre contamos tudo que nós vivemos, as coisas mais feias que eu já tinha feito na minha vida, contei pra ela, e vice-

versa” (H1); “Nasceu nosso relacionamento de uma amizade. Ela [esposa] é muito minha amiga, a gente conversa tudo e o tempo todo. Ela é muito companheira, tudo ela quer fazer juntinho. Nosso relacionamento é muito bom, muito gostoso” (H8). Neto, Strey e Magalhães (2011) apontam que a valorização do amor na conjugalidade está relacionada à esperança de solidificar a confiança e a amizade no casal.

O estudo qualitativo de Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018) aponta que os casais que escolheram não ter filhos apresentam maior qualidade no relacionamento conjugal do que os casais com filhos por não estarem sujeitos às intensas mudanças advindas da chegada dos filhos e o declínio na satisfação conjugal associado a este contexto. Nesse sentido, Rios e Gomes (2009a), através de uma revisão de literatura nacional e internacional, identificaram que casais voluntariamente sem filhos apresentam maior satisfação conjugal e pessoal quando comparados a casais com filhos. Silva e Frizzo (2014) indicam que a qualidade conjugal de casais sem filhos pode ser pensada como um fator protetivo em relação às exigências sociais, pois casais com altos níveis de bem-estar na relação reagem melhor ao estigma e preconceito social.

Para os casais entrevistados, o fato de não terem filhos foi considerado como associado à qualidade do relacionamento, considerando que que pudessem se dedicar mais um para o outro: “Nunca tive o sonho de ser mãe, mas sempre tive o sonho de ter alguém que continuasse minha vida comigo e conseguisse fazer eu não me sentir sozinha. Ele conseguiu isso da melhor forma possível” (M4); “Nossa dinâmica como casal provavelmente seria diferente se tivéssemos um filho [...] tem um efeito positivo, somos mais felizes como casal pelo fato de não termos filhos” (H10); “Eu acho que a opção por não ter filhos deixa o casal, digamos, num cenário de romance por maior tempo. [...] Mantém o relacionamento romântico, amoroso, mais saudável por muito mais tempo” (H2).

Sabe-se que os conflitos são inerentes às relações conjugais e a forma como os casais se comunicam e resolvem seus conflitos influencia seu nível de satisfação. Conforme Mosmann e Falcke (2011), a satisfação conjugal não está relacionada diretamente à ausência de conflitos, e sim, à forma com a qual os casais criam estratégias para lidar com os mesmos: “A gente tem que sentar pra conversar quando alguma coisa não tá legal, e isso ela me ensinou pra caramba. Vou ser sincero, porque, hoje, quando a gente conversa sobre alguma coisa do nosso relacionamento, a qualidade melhorou bastante” (H6); “A gente gosta de manter e ficar sempre transparente um com o outro, sempre ser transparente, tanto nos momentos bons e nos ruins, porque relacionamento é

uma montanha russa, é bem complicado. Só a gente sabe, só a gente vive” (H5); “Eu acho que é o diálogo e a felicidade. Procurar atender as necessidades um do outro, se importar e fazer por isso. Eu acho que isso faz com que a relação tenha qualidade. A cumplicidade é parte disso.” (H9).

No estudo de Coelho, Souza e Silva (2020), realizado com dez casais sem filhos de forma online, os autores relataram que os casais participantes tiveram conflitos relacionados à decisão de não ter filhos. No presente estudo, diferentemente, a decisão por não ter filhos foi relatada como ligada a conflitos entre os membros do casal, uma vez que para os cônjuges de nove dos dez casais participantes tal decisão já existia individualmente antes do relacionamento. Além disso, o diálogo foi apontado como a principal estratégia para as resoluções dos conflitos, sendo a comunicação valorizada tanto pelas mulheres como pelos homens.

Rios e Gomes (2009b), através de um estudo clínico-qualitativo com quatro casais paulistanos sem filhos por opção, apontaram estes casais possuem características contemporâneas, dentre elas, buscam a satisfação afetiva na relação, cuidado pelo outro, considerando o relacionamento como um espaço de crescimento. No estudo de Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), a escolha pela não parentalidade esteve associada à satisfação com o relacionamento, a busca pela liberdade, a renda financeira e o lazer do casal. Conforme Coelho, Souza e Silva (2020), para tais casais a parentalidade não é necessária para que se sentam felizes e satisfeitos. Destaca-se que a qualidade das relações conjugais é um conceito multidimensional, que inclui vários aspectos da conjugalidade tais como compatibilidade, satisfação, felicidade, coesão e compromisso (DORCHE; KIMIAEI; GHAHRAMANZADEH, 2017).

## **2. Coesão**

A coesão conjugal é compreendida como o vínculo emocional entre os membros do casal, ou seja, é uma medida geral da proximidade afetiva da relação (MOSMANN; LOMANDO; WAGNER, 2010). Nesse sentido, na compreensão dos casais participantes, a sintonia e afinidade, aproximou-os, promovendo um incremento da coesão entre os parceiros: “A gente faz muita coisa boa juntos. A gente ainda brinca muito juntos, ainda troca muitas ideias, e a liberdade” (H1); A gente fecha muito em termos de estilo de vida, de prioridades, de identificação com uma série de coisas, então acho que a gente fecha em muitos aspectos e dentre elas, uma coisa bem importante, e praticamente desde o início a gente se acertou com relação a não querer ter filhos” (M2).

Os relatos dos participantes indicam uma parceria na relação em situações do cotidiano: “A parceria é sensacional. Às vezes, eu faço uma piada sem graça e ela dá risada. Às vezes, ela faz uma piada sem graça e eu dou risada. Às vezes, a gente pensa na mesma coisa, no mesmo assunto, na mesma hora, sem nenhum falar para o outro. Essa conexão é surreal” (H4); “Hoje em dia, o nosso relacionamento é muito mais pra uma, uma parceria, uma identificação do estilo de vida que a gente gosta e de como a gente enxerga o nosso futuro, o que a gente quer pra nossa vida, que é o, diria, o que nos aproxima hoje em dia” (M10).

Esses resultados corroboram com os achados de Bali, Dhingra e Baru (2010), que, através de estudo com 30 mulheres indianas sem filhos, evidenciaram como aspectos positivos dos relacionamentos o cuidado, a compreensão mútua e a confiança. Semelhante a isto, o estudo de Powell (2020), realizado nos Estados Unidos com setenta e dois participantes, evidenciou que casais sem filhos, apesar de sofrerem estigmatização pela escolha, experimentaram níveis mais elevados de coesão conjugal.

Outra característica apontada pelos os participantes referiu-se ao sentimento de proteção e apoio mútuo, também associado à coesão conjugal: “Noventa por cento das vezes, as coisas se resolveram estando ao lado dela. [...] Ela sempre me defendeu muito, sempre cuidou muito bem de mim, sempre me apoiou muito” (H1); “Eu acho que a partir do momento em que eu conheci ele [marido], eu me tornei muito mais autêntica, talvez por me sentir numa relação muito tranquila, muito segura, sabendo que ele me aceita exatamente como eu sou. Ele me aceita, me respeita e eu também acredito que consigo fazer isso ele.” (M2).

Nessa mesma direção, foi consenso entre os participantes a percepção de apoio e busca da felicidade do outro: “Esse companheirismo, o carinho que ela tem por mim, tudo esse tipo de coisas. Às vezes, é uma pequena coisa que a gente olha com outros olhos e parece que é uma coisa tão grandiosa. Eu falo que não vou encontrar isso em nenhuma pessoa no mundo, senão nela. Isso para mim é fundamental” (H7); “Eu gosto do jeito que é, não sei dizer o que é, mas é muito natural, as coisas que acontecem. São coisas que me fazem feliz e fazem ele feliz” (M8).

Nos achados de Rowe e Medeiros (2011), através de estudo com seis casais sem filhos de Santa Catarina, os relacionamentos conjugais de pessoas que optaram por ter filhos são considerados como transparentes e diretamente ligados à vontade, escolha de estar junto de seu companheiro, priorizando sentimentos de bem-estar entre o casal. Ao encontro do exposto, conforme Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), os casais

buscam criar um espaço para realização das necessidades de afeto, lealdade e intimidade. Segundo Coelho, Souza e Silva (2020), os casais relatam sentimentos de amor, companheirismo e prazer.

Associado ao conceito de coesão conjugal, a intimidade refere-se a sentimentos que promovem o vínculo entre o casal, como o desejo de promover o bem-estar, sentimento de felicidade, respeito, comunicação íntima. Bons níveis de intimidade refletem em sensação de proximidade, de contentamento e união entre os parceiros (RIZZON; MOSMANN; WAGNER, 2013). Nesse sentido, o que difere a conjugalidade de outras relações são os laços afetivos e sexuais (MINUCHIN, 1982). Os participantes do estudo identificaram a intimidade e a sexualidade como aspectos importantes para o relacionamento conjugal: “A gente é muito parceiro, muito íntimo, conversa muito, se abraça muito, se beija muito, faz elogios constantemente” (H1); “Para mim, a nossa relação sexual é algo que me satisfaz e eu acho que isso é algo que também é importante. [...] A gente se acerta muito bem também nesse aspecto, que também é algo importante para uma relação de casal.” (M2); “Uma das coisas que eu mais escuto de algumas amigas minhas que são mães, é que elas perderam a intimidade com o marido. Porque não tem mais tempo de ter um momento só para eles. [...] E eu acho que, por não ser uma responsabilidade que a gente tenha, por não ser algo que faça parte da nossa realidade, isso não é uma coisa que vai nos afetar” (M6).

A intimidade e a sexualidade são dimensões importantes para a manutenção da vida conjugal (BOZON, 2003). A psicanalista suíça Corinne Maier, ao descrever de maneira crítica e um pouco humorística 40 razões para não ter filhos, aponta que os filhos “acabam com o desejo do casal” e, muitas vezes os afastam, pois, a prioridade passa a ser a criança e não mais o casal (MAIER, 2008). De acordo com Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), preocupações com a perda da intimidade entre os cônjuges e a diminuição da satisfação no relacionamento foram relatados por casais sem filhos com a chegada de uma criança, pontuado como um possível estresse ao relacionamento conjugal.

### **3. Compromisso**

Definido por Rizzon, Mosmann e Wagner (2013), o compromisso é um elemento da relação, a curto prazo, relacionado à decisão de amar outra pessoa e, a longo prazo, decisão de manter essa relação. De acordo com Johnson (1991), refere-se à decisão de dar continuidade a uma relação amorosa e relaciona-se a três possíveis experiências de

compromisso: o compromisso pessoal, o compromisso moral e o compromisso estrutural. O compromisso pessoal diz respeito ao desejo propriamente dito de investir na relação, baseado na satisfação com o parceiro e com o relacionamento. No segundo, compromisso moral, está implicado um dever de continuidade, embasado em valores e crenças pessoais relativos à indissolubilidade do casamento e da família, obrigações com os filhos, dentre outras questões de cunho moral. Por último, o compromisso estrutural é resultante de questões externas e contextuais, como pressões familiares e sociais e questões financeiras, reflete em uma dificuldade em romper a relação.

Relacionado ao compromisso pessoal, foi evidenciado nas falas dos participantes, experiências relacionadas ao amor e parceira que sentem por seus companheiros: “Desde o primeiro segundo eu amei. É isso que me motiva a cada dia seguir mais, conseguir mais coisas, conquistar mais coisas e estar do lado dela a maior parte do tempo possível” (H4); “Eu faço de tudo que eu posso para manter ela sempre feliz, sempre contente e satisfeita, ela é uma pessoa fantástica e extraordinária, sempre busco me espelhar nas boas ações, atitudes e na positividade que ela tem. Faço tudo para poder agradar.” (H7)

De acordo com Rios e Gomes (2009b), casais voluntariamente sem filhos estabelecem uma conjugalidade que proporciona o desenvolvimento e acolhimento diante aos conflitos e dificuldades impostos pela escolha. Os achados de Silva e Frizzo (2014) evidenciam a escolha do casamento como prioridade central, além do apoio mútuo, a liberdade sexual, a oportunidade de dedicar-se ao outro e a partilha de valores e interesses. Para Coelho, Souza e Silva (2020), além da relação conjugal ser satisfatória, os casais sem filhos possuíam outras metas em suas vidas, como a carreira profissional e o desenvolvimento pessoal.

No que tange ao compromisso moral, verificou-se que a escolha da continuidade da relação está ligada ao desejo de estar junto e não relacionado a parentalidade: “Ele é uma fonte de estabilidade, uma fonte de segurança, o que eu acho que as pessoas deveriam buscar na hora de se relacionar com alguém, porque eu sinto que eu tenho que fazer tudo do melhor jeito possível e tem dado certo” (M3); “Acho que todas as experiências que a gente já teve, coisas que a gente já passou juntos, não nos abandonamos em várias situações que muita gente já teria desistido, a gente continuou junto um com o outro. Eu sinto que eu tenho um parceirão do meu lado” (M6).

Em relação ao compromisso estrutural, pode-se pensar nas expectativas sociais, no que se refere ao casamento tradicional (civil e religioso), “no papel e na igreja”: “O casamento em si, eu penso que é uma coisa que eu nunca quero ter, mas eu gosto de morar

com ela, eu gosto de ter esse relacionamento sem ser muito tradicional.” (H3); “O casamento foi resultado disso, por uma questão bem prática, que facilitaria nossa vida futura, facilitaria a gente viver aqui na Europa. O casamento foi um resultado e não algo tradicional que nós buscamos para confirmar o nosso amor, não era um rito que estava nos nossos planos” (H10).

No que diz respeito às mudanças contemporâneas, Mendes e Pereira (2019), através de pesquisa com 5 casais da cidade de Porto Alegre, que optaram por não ter filhos, afirmaram que há novos valores e ideais contemporâneos, que não mais atendem às exigências sociais tradicionais, como o modelo de família e filhos como obrigação no percurso do casal. Nesse sentido, Rowe e Medeiros (2011), afirmam que a tradição de casar e ter filhos foi alterada para a decisão do que é melhor para si, negando valores tradicionais. A partir disso, para Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), os casais valorizam o relacionamento conjugal de modo primordial, de forma que as demais escolhas ficam em segundo plano, como o projeto parental.

#### **4. Divisão de papéis e tarefas**

Para Scott (1995), a temática de gênero envolve uma série de análises críticas dos significados atribuídos ao masculino e feminino, uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. De acordo com Papp (2002), a cooperação e a divisão das tarefas domésticas são umas das bases nas relações conjugais. A autora salienta a importância de estereótipos de gênero serem questionados a fim de estimular relacionamentos igualitários no qual o poder e a responsabilidade são divididos (PAPP, 2002).

A esse respeito, os casais participantes desta pesquisa, unanimemente declararam igualdade nos papéis de gênero e nas divisões de tarefas. É possível observar nas falas dos participantes a inversão dos papéis tradicionais, daquilo que seria tradicionalmente esperado das mulheres: “Essa rotina de fazer compra de supermercado e preparar refeições, geralmente sou eu quem faço mesmo” (H1); “Ele fica mais com as funções de casa por ter menos trabalho que eu. Ele lava a louça, deixa tudo certo” (M4).

Para os italianos Agrillo e Nelini (2008), através de uma revisão sobre a escolha de não ter filhos, casais sem filhos tendem a ser menos tradicionais nos papéis de gênero e menos conservadores. Semelhando a isto, Silva e Frizzo (2014) constataram características entre os cônjuges que favorecem a relação. Tanto homens quanto mulheres buscam realização profissional, dividem as tarefas domésticas, procuram em conjunto

com o parceiro a satisfação afetiva e compartilham projetos de desenvolvimento profissional e intelectual.

Identifica-se um aumento no número de casais que escolhem não ter filhos, considerado um fenômeno contemporâneo que parece estar ligado à inserção da mulher no mercado de trabalho, a revolução sexual, advinda dos métodos contraceptivos e investimento na carreira profissional: “Eu nunca gostei de ser a dona de casa, o cuidar da casa. Eu sempre gostei de estudar, de trabalhar, de ter as minhas coisas. Eu tenho esse perfil. [...] Antes mesmo da gente se conhecer, ele já cuidava dessas coisas de casa, de ir ao mercado, de limpar a casa e eu, em contrapartida, a maior parte do tempo fora de casa, trabalhando” (M2); “Financeiramente, eu que sou mulher tenho sustentado a casa, e nem um momento eu falo que tenho vergonha disso, e é uma coisa que eu sempre tento neutralizar. Não é porque ele não exerce a dominância que eu tenho que ser a dominância por pagar as contas.” (M7)

Os estudos gaúchos de Smeha e Calvano (2009), com seis mulheres, professoras universitárias sem filhos, e de Patias e Buaes (2009), com seis mulheres que optaram pela não maternidade, demonstram que a busca pela identidade e realização profissional é destacada por elas como maior que o desejo de ser mãe. Nesse contexto, conforme Gradwohl (2015), homens e mulheres vivenciam de forma distintas a decisão por não ter filhos, que repercute de diferentes maneiras sobre as vivências em seus relacionamentos familiares, sociais e profissionais. Para os homens, a decisão de não ter filhos, não implica no ambiente de trabalho, o que difere das mulheres, para quem está diretamente ligada ao aspecto profissional e pessoal.

O relato dos participantes corrobora para o discurso de igualdade de gênero em casais sem filhos voluntariamente: “Sempre fomos muito tranquilos tanto para não sobrecarregar um ou outro. E ninguém é obrigado a fazer nada daquilo que não quer. Eu acho que relacionamento tudo tem que ser igual tanto para um quanto para outro.” (H5); “Acho que tudo tem que ser dividido de forma igual, tem que ser bem equilibrado, porque quando a gente responsabiliza mais um lado que o outro, alguém sempre sai sobrecarregado. Acho que tudo tem que ser igualitário.” (M6).

As pesquisas de Mendes e Pereira (2019) e Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020) apontam que casais que decidiram não ter filhos tendem a apresentar um maior investimento em lazer, nas finanças, trabalho, igualdade no casamento, divisão de tarefas, equilíbrio entre vida sexual e amorosa, o que esteve associado a uma maior satisfação na relação conjugal comparada a casais que possuem filhos. Como características dos casais

que optam por não ter filhos, destaca-se o desejo por investir em aspectos como individualidade, carreira profissional e conquistas financeiras que o trabalho pode proporcionar, igualdade no relacionamento, aspectos esses que desafiam a vida familiar e conjugal (HECKLER; MOSMANN, 2014).

### **Considerações Finais**

Este estudo acessou as percepções de casais sem filhos por opção sobre seu relacionamento conjugal, especificamente no que se refere à satisfação conjugal, coesão, compromisso e papéis de gênero. Em uma concepção tradicional de família, na qual o casamento tem uma relação direta com a procriação, estando o papel da mulher especialmente atrelado ao cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos. Com as transformações sociais experienciadas especialmente a partir da metade do século passado, as expectativas sociais acerca dos papéis de homens e mulheres no casamento alteram-se, de modo que a parentalidade passou a não fazer parte da realidade de muitos casais. Para os casais do estudo, percebeu-se a valorização do relacionamento conjugal de modo primordial, respaldados em sentimentos de afeto e respeito aos interesses individuais de crescimento e desenvolvimento profissional.

Os resultados encontrados demonstraram que os casais referiam altos níveis de satisfação conjugal no relacionamento. Ao encontro dessa questão, identificou-se também altos níveis de coesão conjugal e baixos níveis de conflitos na relação dos casais. Cabe ressaltar que não foi indicado por nenhum participante sentimentos negativos referentes à satisfação, coesão e compromisso com o relacionamento. Os cônjuges, nesse contexto, foram descritos como parceiros ao engajarem-se na relação, mostrando-se dedicados à ela.

O compromisso que assumiram com o relacionamento revelou-se atrelado ao amor que sentiam pelo companheiro(a). Não obstante, a continuidade do relacionamento também esteve relacionada a um desejo de manutenção da conjugalidade. Verificou-se que os participantes atribuíam significados positivos à vivência da relação, mesmo entendendo as fragilidades do contexto, como as cobranças e estigmas associados a decisão. Acredita-se que, mais do que a busca por manter uma percepção positiva acerca dessa experiência, esses casais revelaram alta capacidade de resiliência e adaptabilidade. Não foi mencionado pelos participantes o desejo de assumirem a parentalidade para se sentirem felizes na relação.

Relacionado a divisão de papéis e tarefas, é importante salientar que os resultados

apresentados no estudo podem estar associados à alta escolaridade dos participantes, que em sua maioria possuem nível superior completo, e não ao fato de serem casais sem filhos. Destaca-se também diferenças entre os participantes que moravam no exterior onde buscavam um estilo de vida oposto ao que vivem no Brasil, com mais qualidade de vida, lazer e sem tanto enfoque no trabalho. Já os casais que residiam no país, vivem mais imerso ao mundo do trabalho e da qualificação profissional.

Os casais, na maioria, participavam dos grupos no *Facebook* e se assumiam como *Childfree* ou *Childless*, pode-se indicar que a decisão por não ter filhos estivesse mais amadurecida que outros tantos casais sem filhos. Os grupos proporcionam diversas discussões sobre a temática, como os direitos das mulheres em relação a laqueadura, o controle de natalidade e troca de experiências.

Como limitações do estudo, considera-se a composição da amostra incluir somente casais heterossexuais e com o elevado nível socioeconômico. A esse respeito, acredita-se que acessar outras realidades e contextos socioeconômicos ampliariam a abrangência dos achados, provavelmente, indicando experiências diversas. Outro limitador do estudo, foi a amostra por conveniência, na qual considera-se que os casais que aceitaram participar do estudo, fossem aqueles que percebem relação como satisfatória e os casais que avaliam suas relações como problemáticas e infelizes ou não sentiram motivados a expô-la em uma pesquisa, como foi observado durante o convite, quando um dos membros do casal tinha interesse em participar e o outro recusava. Essas questões também direcionam para estudos futuros.

Ainda, percebe-se uma carência de estudos que investiguem as percepções de homes e mulheres sobre a decisão de não ter filhos no que diz respeito à conjugalidade e à experiência das relações nesse contexto. Nesse sentido, para além de contribuir com o conhecimento científico sobre a experiência de casais sem filhos por opção, considera-se que tais investigações podem favorecer a problematização acerca dos modelos socialmente construídos sobre o casamento e sobre o papel da parentalidade nessas relações.

## Referências

AGRILLO, C.; NELINI, C. Childfree by choice: a review. **Journal of Cultural Geography**, 25:3, 347-363, 2008.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Tempo e**

**Argumento**, v. 3, n.1, p. 180-198, 2011. DOI:  
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180303012011180>

BALI, A.; DHINGRA, R.; BARU, A. Marital Adjustment of Childless Couples. **Journal of Social Sciences**, 24(1): 73-76, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERNARDI, D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. **Contextos Clínicos**, vol. 11. n. 2, Maio-Agosto 2018.

BERNARDI, D. DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Satisfação Conjugal e Liberdade: Percepções de Sujeitos Casados acerca da Ausência de Filhos. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 13(1), 2020.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, (20), 131-156, 2003. doi:  
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000100005>

BREAKWELL, G. M.; ROSE, D. Teoria, Método e Delineamento de Pesquisa. In: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; SMITH, J. A. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em psicologia**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010, p. 22-41.

COELHO, I. M.; SOUZA, D. C.; SILVA, I. R. Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 67, p. 56-69, agosto 2020.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DORCHE, K. P.; KIMIAEI, S. A.; GHAMRANZADEH, M. Evaluating the Effect of Solution-Focused Group Counseling on Improving Quality of Marital Relationships in Childless Couples. **International Journal of Psychological Studies**; Vol. 9, No. 1; 2017.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, 1998.

FONTANELLA, B. J. B., et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 2, p.389-394, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GRADVOHL, S. M. O. Vivências de casais que optaram por não ter filhos. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2015.

HECKLER, V. I.; MOSMANN, C. Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida.

**Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.41, p.<119-147>, jul./dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sistema nacional de informações de gênero, estatística de gênero. Uma análise dos resultados do censo demográfico 2010. **Estudos e Pesquisas informações demográfica e sociodemográfica, número 33**. Rio de Janeiro, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020. **Estudos e Pesquisas informações demográfica e sociodemográfica, número 43**. Rio de Janeiro, 2020.

JOHNSON, M. P. Commitment to personal relationships. In: JONES, W. H.; PERLMAN, D.W. (Eds). **Advances in personal relationships**. London: Jessica Kingsley, p. 117-143, 1991.

LIMA, R. A.; ALVES, I. C. B. As particularidades da (in)satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil – V. 30, n° 79, p. 424-439, 2010.

MAIER, C. **Sem Filhos: 40 razões para não ter**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MENDES, T. R.; PEREIRA, V. T. Casais que optam por não ter filhos: entre escolhas e expectativas. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 19 (1) jan/jun 2019.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**, 1. Porto Alegres: Artmed, 1982.

MOSMANN, C. P.; LOMANDO, E.; WAGNER, A. Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 33, ago./dez. 2010.

MOSMANN, C. P.; FALCKE, D. Conflitos conjugais: motivos e frequência. **Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 12, n. 2, p. 5-16, 2011.

NARCISO, I.; RIBEIRO, M. T. **Olhares sobre a Conjugalidade**. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

NETO, J. A. S.; STREY, M. N.; MAGALHÃES, A. S. Sobre motivações para a conjugalidade. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PAPP, P. **Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas**. Artmed, 2002.

PARK, K. Choosing childlessness: Weber’s typology of action and motives of the voluntarily childless. **Sociological Inquiry**, 75, 372–402, 2005.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. Não tem filhos? Por quê? **Disc. Scientia**. Série: Ciências

Humanas, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 121-133, 2009.

PELTON, S. L.; HERTLEIN, K. M. A Proposed Life Cycle for Voluntary Childfree Couples, **Journal of Feminist Family Therapy**, 23:1, 39-53, 2011.

POWELL, V. E. Implicit Bias and Voluntarily Childfree Adults. Digital Commons @ ACU, **Electronic Theses and Dissertations**. Paper 219. 2020.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia**, Campinas. 26(2), 215-225, abril-junho, 2009a.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Estigmatização e Conjugalidade em Casais sem Filhos por Opção. **Psicologia em Estudo**. Maringá, vol. 14, n. 2, abr./jun. 2009b.

RIZZON, A. L. C.; MOSMANN, C. P.; WAGNER, A. A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. **Contextos Clínicos**, vol. 6, n. 1, janeiro-junho 2013.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, 199 p.

ROWE, J. F.; MEDEIROS, L. G. Casamento contemporâneo: a escolha de casais em não ter filhos. Trabalho de conclusão do curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC. 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Laços de família: a conjugalidade como dimensão de análise do desenvolvimento. **Polêm!ca**, v.10, n.2, p.288-298, abril/junho 2011.

SCORSOLINI-COMIN, F.; ALVES-SILVA, J. D.; SANTOS, M. A. Permanências e descontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, p. e34423, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 20(2), 71-99, 1995.

SMEHA, L. N; CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. **Psicol. Argum.** jul./set., 27(58), 207-217, 2009.

SILVA, I. M.; FRIZZO, G. B. Ter ou não ter? Uma revisão de literatura sobre casais sem filhos por opção. **Pensando famílias**. vol.18 no.2 Porto Alegre dez. 2014.

STAKE, R. E. **Multiple case study analysis**. Guilford Press, 2006.

TUDGE, J. R. H.; FRIZZO, G. B. **Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola**. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Manuscrito não publicado 2002.

## ARTIGO 2

### **Experiências de casais sem filhos por opção: motivações e desejos<sup>4</sup>**

#### **Resumo**

Em paralelo a uma expectativa social que ainda associa o casamento à constituição de filhos, verifica-se, um movimento em que a decisão por não ter filhos se alinha aos ideais subjetivos contemporâneos, a partir de uma mudança nas concepções sobre a parentalidade e sobre o lugar dos filhos na família e no casamento. Este estudo objetivou a casais voluntariamente sem filhos, com vistas a compreender suas experiências a partir de suas motivações e desejos. Realizou-se uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo e integraram o estudo vinte participantes, totalizando dez casais, com idades entre 23 e 47 anos. Os dados foram coletados através de um questionário de dados sociodemográficos e de uma entrevista semiestruturada, e submetidos à Análise de Conteúdo. Os resultados encontrados apontaram que para os casais sem filhos faltam motivos para considerar a parentalidade como projeto de vida, contrariando uma expectativa social que presume a existência de filhos no casamento. Constatou-se que a parentalidade conflita com seus objetivos profissionais, conjugais, financeiros, tempo e lazer. Considera-se necessário evidenciar as pressões sociais, expectativas e possíveis estigmas que esses casais são expostos, bem como legitimar suas vivências visto o aumento de pessoas que escolhem não ter filhos.

**Palavras-chave:** Sem filhos; Relacionamento conjugal; Estigma Social.

#### **Experiences of couples without children by choice: motivations and desires**

#### **Abstract**

In parallel with a social expectation that still associates marriage with the constitution of children, it turns out, a movement in which the decision not to have children aligns with the ideals contemporary subjective concepts, based on a change in conceptions about parenting and about the place of children in the family and in marriage. This study aimed at voluntarily childless couples, in order to understand their experiences based on their motivations and desires. An exploratory-descriptive, qualitative research was carried out and twenty participants were included in the study, totaling ten couples, aged between 23

---

<sup>4</sup> Este artigo é derivado da Dissertação de Mestrado em Psicologia da primeira autora.

and 47 years old. Data were collected through a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, and submitted to Content Analysis. The results found showed that for couples without children there is no reason to consider parenting as a life project, contrary to a social expectation that assumes the existence of children in the marriage. It was found that parenting conflicts with their professional, marital, financial, time and leisure goals. It is considered necessary to highlight the social pressures, expectations and possible stigmas that these couples are exposed to, as well as to legitimize their experiences given the increase in people who choose not to have children.

**Keywords:** No children; Marital relationship; Social stigma.

### **Introdução**

Até meados do século passado, predominou uma estrutura familiar marcada pelo poder patriarcal e o casamento tinha por função ligar duas famílias e permitir que elas se perpetuassem, muito mais do que satisfazer o amor de duas pessoas e ter filhos era considerado a norma na vida dos adultos casados (NARVAZ; KOLLER, 2006). Assim, para Rios e Gomes (2009a), que, através de uma revisão de literatura nacional e internacional, identificaram que o casamento passou, gradualmente, a ser relacionado ao sentimento de realização pessoal e não mais à formação de uma família na qual os filhos estejam necessariamente presentes e haja continuidade geracional.

Em paralelo a uma expectativa social que ainda associa o casamento à constituição de filhos, Mendes e Pereira (2019) verificaram em um estudo, com casais que optaram por não ter filhos de Porto Alegre – RS, um movimento em que a decisão por não ter filhos se alinha aos ideais subjetivos contemporâneos, a partir de uma mudança nas concepções sobre a parentalidade e sobre o lugar dos filhos na família e no casamento. Logo, novas formas de ser casal passam a ser possíveis, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009; FÉRES-CARNEIRO, 1998). Quando dois indivíduos com o desejo de constituir família juntos não desejam investir na parentalidade, podem, por outro lado, desfrutar e explorar as possibilidades que advêm dessa escolha. Como características dos casais que optam por não ter filhos, destaca-se o desejo por investir em aspectos como individualidade, carreira profissional e conquistas financeiras que o trabalho pode proporcionar, aspectos esses que desafiam a vida familiar e conjugal (HECKLER; MOSMANN, 2014).

Atualmente, identifica-se um aumento no número de casais que escolhem não ter filhos. Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2019 (IBGE, 2020),

revelou que o casal com filhos ainda é predominante nos lares brasileiros 49% e o casal sem filhos aparece em segundo lugar 22/5, seguido por famílias com outros tipos de arranjos 17%, a unipessoal 9,2% e monoparental 2,1%. Considerado um fenômeno social importante a ser considerado, não somente pelo crescimento desta configuração em nossa sociedade, mas por algumas de suas peculiaridades, como: menores desigualdades entre os cônjuges e melhores níveis de bem-estar econômico e social (ALVES; CAVENAGHI; BARROS, 2010).

Para Bernardi, Féres-Carneiro e Magalhães (2018), no estudo realizado com casais sem filhos no Rio de Janeiro – RJ, mulheres e homens recém-casados ainda sofrem com a pressão para ter filhos, a possibilidade de escolha a esse respeito se solidifica ao longo dos anos, de modo que ter filhos passa a ser, cada vez mais, uma opção para os casais, assim como qualquer outra. Tal decisão, contudo, exige do casal um reposicionamento em relação ao investimento no relacionamento amoroso, nas individualidades, na carreira profissional, nas conquistas financeiras, entre outros, além de lidar com a estigmatização, preconceito ou pressão social (SILVA; FRIZZO, 2014).

Os casais sem filhos também são conhecidos como: casais DINK, *Childfree* ou *Childless*. O primeiro refere-se a Duplo Ingresso, Nenhuma Criança (DINC) é caracterizado como pós-moderno, onde os dois cônjuges estão inseridos no mercado de trabalho, possuem maior autonomia e melhores níveis de bem-estar econômico (BARROS; ALVES; CAVENAGHI, 2008). O movimento *Childfree* traduzido para “Sem filhos” vem ganhando espaço no Brasil e no mundo, é um fenômeno carregado de simbolismos e que aponta para um novo contexto social e novas formas de relacionamentos, entre eles espaços como restaurante e hotéis que não permitem a entrada de criança. Conforme Fernandes e Lacerda (2012), pessoas declaradas *Childfree* entendem que as obrigações que a parentalidade exige restringem a liberdade e compromete a individualidade do casal.

No âmbito brasileiro, as pesquisas realizadas, muitas vezes incluem apenas mulheres, e retratam, no geral, as experiências dessas e as dificuldades implicadas em sua decisão, ou, ainda as motivações e estigmatizações sofridas frente à escolha do casal (RIOS; GOMES, 2009a; SMEHA; CALVANO, 2009; SILVA; FRIZZO, 2014; MENDES; PEREIRA, 2019; BERNARDI; DANTAS; FÉRES-CARNEIRO, 2020). Na literatura internacional, alguns estudos investigam o impacto da decisão por não ter filhos ao longo da vida e do ciclo de vida familiar dos casais e muitos com o enfoque nas mulheres (PARK, 2005; PELTON; HERTLEIN, 2011; HARRINGTON, 2019;

STAHNKE; BLACKSTONE; HOWARD, 2020).

A partir do exposto, verifica-se um avanço na literatura que investiga as motivações e repercussões da escolha por não ter filhos. Ainda assim, há carência, no âmbito nacional, em relação a estudos que enfoquem os casais e as implicações de suas escolhas, para além do que é esperado socialmente, temática mais explorada em estudos internacionais. Considerando estas reflexões, este estudo teve por objetivo conhecer as motivações de homens e mulheres acerca da decisão por não ter filhos.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 10 casais heterossexuais que optaram por não ter filhos e cumpriram os critérios de inclusão: a) que estivessem casados (casamento/união estável) há no mínimo dois anos; b) declarado ter optado por não ter filhos voluntariamente; c) não ter filhos de outros relacionamentos; d) não ter realizado tratamento para engravidar previamente e ambos os cônjuges do casal serão convidados a participar do estudo. O número de participantes, foi pensado a partir do conceito de amostragem por saturação teórica, em que se propõe a interrupção da inclusão de novos participantes quando os dados obtidos começam a apresentar uma repetição (FONTANELLA et al, 2011). A tabela a seguir apresenta a caracterização das participantes do estudo.

Tabela 1 – Caracterização das participantes do estudo.

| Participantes |    | Idade | Estado Civil | Tempo de Relacionamento | Estado (UF) | Profissão/<br>Ocupação | Nível de escolaridade | Nível Socioeconômico <sup>5</sup> |
|---------------|----|-------|--------------|-------------------------|-------------|------------------------|-----------------------|-----------------------------------|
| Casal 1       | H1 | 33    | Casados      | 12 anos                 | MG (BRA)    | Programador Software   | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|               | M1 | 40    |              |                         |             | Estudante              | Superior Completo     |                                   |
| Casal 2       | H2 | 44    | Casados      | 10 anos                 | RS (BRA)    | Desenhista Industrial  | Superior Completo     | 5 (alto)                          |
|               | M2 | 38    |              |                         |             | Psicóloga              | Pós-Graduação         |                                   |

<sup>5</sup> Nível socioeconômico com base em Hollingshead (1975, adaptado por Tudge e Frizzo, 2002), sendo 1 (baixo), 2 (médio-baixo), 3 (médio), 4 (médio-alto) e 5 (alto).

|                 |     |    |               |         |          |                               |                          |                |
|-----------------|-----|----|---------------|---------|----------|-------------------------------|--------------------------|----------------|
| <b>Casal 3</b>  | H3  | 29 | União Estável | 5 anos  | PR (BRA) | Desenvolvedor Software        | Superior Completo        | 5 (alto)       |
|                 | M3  | 24 |               |         |          | Tradutora                     | Superior Completo        |                |
| <b>Casal 4</b>  | H4  | 24 | Casados       | 3 anos  | SP (BRA) | Diretor de arte               | Superior Completo        | 5 (alto)       |
|                 | M4  | 23 |               |         |          | Diretora de arte              | Superior Completo        |                |
| <b>Casal 5</b>  | H5  | 25 | União Estável | 4 anos  | RJ (BRA) | Auxiliar Hotelaria Hospitalar | Superior Incompleto      | 4 (médio-alto) |
|                 | M5  | 27 |               |         |          | Biomédica                     | Superior Completo        |                |
| <b>Casal 6</b>  | H6  | 42 | União Estável | 4 anos  | RJ (BRA) | Professor Educação Física     | Pós-Graduação            | 5 (alto)       |
|                 | M6  | 28 |               |         |          | Pedagoga                      | Superior Completo        |                |
| <b>Casal 7</b>  | H7  | 35 | Casados       | 13 anos | PR (BRA) | Administrador                 | Pós-Graduação            | 5 (alto)       |
|                 | M7  | 34 |               |         |          | Enfermeira Obstetra           | Pós-Graduação            |                |
| <b>Casal 8</b>  | H8  | 36 | Casados       | 6 anos  | BA (BRA) | Empresário                    | Superior Completo        | 4 (médio-alto) |
|                 | M8  | 29 |               |         |          | Empresária                    | Superior Completo        |                |
| <b>Casal 9</b>  | H9  | 47 | Casados       | 22 anos | RS (EUA) | Professor de Yoga             | Superior Completo        | 4 (médio-alto) |
|                 | M9  | 45 |               |         |          | Professor de Yoga             | Médio Completo           |                |
| <b>Casal 10</b> | H10 | 33 | Casados       | 12 anos | RS (NED) | Jornalista                    | Superior Completo        | 5 (alto)       |
|                 | M10 | 29 |               |         |          | Arquiteta e Urbanista         | Ensino Superior Completo |                |

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme observado na tabela, as mulheres participantes possuíam entre 23 e 45 anos e seus companheiros de 24 a 47 anos. Três casais possuíam união estável e sete eram casados, sendo três casamentos no religioso e quatro somente no civil. Oito casais moravam no Brasil e dois casais moravam em outros países no momento da pesquisa. No que tange a seus relacionamentos, o tempo de relação variou de 3 anos a 22 anos. Ressalta-se que o tempo de relacionamento também inclui a fase do namoro.

### **Delineamento**

Trata-se de um estudo qualitativo, na qual o pesquisador trabalha ativamente para entender os casos e envolveu uma pesquisa exploratória e descritiva, contendo coleta de dados em profundidade e múltiplas informações, com foco na complexidade do fenômeno da conjugalidade (STAKE, 2006; GIL, 2010). Possui delineamento transversal, visto que

as informações foram coletadas de uma única vez, centrando-se em um período específico da trajetória de vida dos participantes (BREAKWELL; ROSE, 2010). Para Minayo (2008), a pesquisa qualitativa visa priorizar a caracterização, a compreensão e a interpretação do fenômeno estudado, coerente com a investigação de conceitos, percepções e motivações.

### **Instrumentos e Procedimentos**

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram Questionário de Dados Sociodemográficos, o qual buscou obter uma caracterização sobre os casais participantes, bem como de seu contexto de vida, incluindo informações como idade, escolaridade, ocupação profissional, renda familiar estado civil e tempo de relacionamento. Além disso, foi utilizada uma Entrevista sobre a Conjugalidade organizada e aplicada de forma semiestruturada, com a finalidade de compreender a conjugalidade no contexto da decisão de não ter filhos voluntariamente, tendo como eixos centrais os seguintes temas: experiências relacionadas à conjugalidade e concepções relativas ao casamento e à parentalidade.

Com relação aos procedimentos para a realização da pesquisa, após a obtenção de parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (a partir do número CAAE 44323121.0.0000.5346), a pesquisadora contatou as participantes a partir de dois grupos de uma rede social (*Facebook*), destinados a pessoas que não querem ter filhos voluntariamente. Estes grupos foram criados nos anos de 2017 e 2018, tendo, à época da coleta de dados, 3,2 mil e 2,1 mil membros, respectivamente. Ambos os grupos eram fechados, ou seja, somente membros podiam ver as publicações realizadas pelos integrantes do grupo. Para participar, era necessário fazer uma solicitação aos responsáveis. Os nomes dos grupos foram suprimidos, a fim de manter sigilo sobre seus membros, incluindo as participantes deste estudo.

O objetivo dos grupos refere-se ao compartilhamento de experiências sobre a decisão de não ter filhos, bem como, à interação entre pessoas que vivenciam essa escolha, atuando como uma rede de apoio. A pesquisadora solicitou o ingresso nos grupos e, após o aceite, fez uma publicação com vistas à divulgação da pesquisa, solicitando que os casais interessados em participar do estudo a contatassem via mensagem privada, comentários na publicação, ou, ainda, através de e-mail de contato, o qual foi divulgado junto à publicação.

Neste contato inicial, foi apresentado os objetivos da pesquisa, os procedimentos

metodológicos, bem como agendado dia e horário para realização da coleta de dados. Solicitou-se que, no momento da coleta de dados, os participantes estivessem em um ambiente silencioso, que garantisse privacidade às informações compartilhadas, ao passo que a pesquisadora garantiu o sigilo da entrevista. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) através de uma plataforma online (*Google Forms*), em que indicaram seu aceite, que, além disso, foi confirmado de forma verbal no momento da realização da entrevista. Foi disponibilizada também uma cópia do documento às participantes. A resposta ao Questionário de Dados Sociodemográficos e à Entrevista sobre a Conjugalidade foram realizadas de forma online, por videochamada, através do aplicativo *Google Meet*, e gravadas em áudio e vídeo. A partir das gravações, o material decorrente da resposta ao questionário e à entrevista foram transcritos, permitindo sua posterior análise.

### **Análise dos Dados**

A partir dos dados coletados através do Questionário de Dados Sociodemográficos foram analisados de forma descritiva. Para a análise dos dados obtidos na Entrevista sobre a Conjugalidade foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2009). Esta visa, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens coletadas, produzir inferências de conhecimentos, permitindo a construção das categorias temáticas (BARDIN, 2009). A partir das entrevistas transcritas, buscou-se identificar unidades de sentido a fim de constituir categorias temáticas, visando a uma melhor compreensão e sintetização dos resultados. Neste processo, foram apresentados os aspectos mais relevantes e frequentes das entrevistas, assim como peculiaridades na experiência relatada pelos participantes.

A partir de tal processo de análise, os resultados foram organizados através das seguintes categorias temáticas: (1) Motivações e desejos e (2) Visão social.

## **Resultados e Discussão**

### **1. Motivações e desejos**

Esta categoria contempla experiências dos casais sobre suas motivações acerca da escolha de não ter filhos. Envolve vivências sobre a liberdade de viver sem filhos, a utilização do tempo, lazer vinculado a passeios e viagens, vida financeira, bem como críticas sobre violência e superpopulação no mundo.

No que concerne motivos de não ter filhos, os participantes do estudo referiram prezar pela liberdade, usufruir do tempo e o lazer. Para os participantes, a decisão de não

ter filhos também está ligada à sensação de satisfação com a vida, prazer e evitação da responsabilidade associada à parentalidade: “Essa liberdade de poder fazer as coisas que a gente quer, não ter esse compromisso de ter que, obrigatoriamente, trabalhar para sustentar alguém” (M2); “Foi não querer abdicar da minha liberdade, dos meus objetivos. Observar como um filho estressa, muda totalmente sua vida, muda a sua paciência, os limites e eu não sou capaz” (M3); “Conseguir aproveitar, fazer algumas viagens que programamos e nunca fizemos, ir em alguns lugares comer coisas diferentes que nunca comemos, experimentar coisas diferentes, viver coisas diferentes. E aquilo que falei, no máximo, ter um *pet*, porque já dá muito trabalho e acho que já está ótimo. Nada muito diferente do que a gente está hoje” (H7); “A gente continua, de uma forma positiva, muito imaturo. A gente não tem essa preocupação de crescer em relação à maturidade como pais e mães, tipo: ‘Ah não, tenho que me preocupar com almoço’. Não sei se é bom ou ruim, mas para gente, como casal, está sendo bom nesse momento. A gente pode dormir até a hora que quiser, pode sair com amigos e ficar até a hora que quiser, a gente pode fazer o barulho que quiser” (H8).

Semelhante a isto, pesquisas brasileiras relatam a busca por liberdade e sentimento de independência por parte dos casais sem filhos voluntariamente. No estudo de Mendes e Pereira (2019), foi possível identificar que a busca por liberdade, sem grandes responsabilidades, desfrutar do tempo livre em viagens e lazer, como também a ausência de preocupações que a parentalidade exige, são motivos que fazem com que os casais não queiram ter filhos. Em concordância, no estudo de Bernardi, Dantas e Féres-Carneiro (2020), realizado com homens e mulheres sem filhos no Rio de Janeiro – RJ, também foi identificado que casais sem filhos prezam pelo investimento no lazer do casal, dedicam-se a projetos pessoais e referem não desejar as responsabilidades parentais.

Os participantes referiram também a vida financeira como aspecto importante. Desfrutar de uma vida confortável, adquirir bens, sem a preocupação de prover o sustento de uma criança: “A partir do momento que a gente tomou a decisão de não ter filhos, de certa forma, uma coisa que passou no meu pensamento foi ‘Ufa, não preciso me preocupar em sustentar uma criança’. Posso viver mais leve, mais tranquilo, desfrutar mais do dinheiro que eu tenho, gastar nas minhas despesas, posso ficar mais tranquilo” (H8); “A gente se estruturou financeiramente pelo fato de não ter filhos. O nosso custo de vida é muito baixo e a gente se estruturou financeiramente para ir juntando dinheiro, para trabalhar cada vez menos” (M9).

O casal DINC (Duplo Ingresso, Nenhuma Criança) é caracterizado como pós-

moderno, onde os dois cônjuges estão inseridos no mercado de trabalho, possuem maior autonomia e melhores níveis de bem-estar econômico (BARROS; ALVES; CAVENAGHI, 2008). No estudo de Silva e Rohde (2013), com sete casais DINCs de Porto Alegre (RS), foi identificado que os casais buscam atividades profissionais que permitam maior autonomia, possibilitando trilhar caminhos diversos, livres para tomar decisões. Além disso, o fato de terem mais recursos, por não terem filhos, os permite investir no âmbito individual.

Dos 10 casais participantes da pesquisa, três casais declararam o desejo de morar fora do Brasil e outros dois já moravam em outros países durante a realização da entrevista: “Nós vamos fazer cursos, viajar e morar no exterior. Acaba modificando nesse sentido de não me preocupar em ter filho, focar em mim mesmo e em viver” (H4); “Atualmente, ele está investindo numa possibilidade de estudar fora do país. Ele está investindo na possibilidade e eu estou correndo atrás junto. A gente não tem nada que nos prenda no Brasil” (M6); “Eu não estaria morando no exterior, não moraria em Nova York, não teria viajado tudo que viajei. A minha vida não seria a vida que eu tenho hoje.” (M9); “A decisão por não ter filhos, nos permitiu gastar a nossa energia, dedicar o nosso tempo e força, para trabalhar, para organizar a vida em um país” (H10).

Silva e Frizzo (2014), a partir de revisão narrativa da literatura nacional e internacional sobre casais que não têm filhos por opção, atentam como motivos relacionados à escolha de não ter filhos, a manutenção do estilo de vida dos casais, marcado pela liberdade, o receio de comprometer a própria carreira ou atividades de lazer. Esse aspecto também foi corroborado pelo estudo de Rios e Gomes (2009a), identificaram que ter filhos era encarado como um elemento impeditivo aos objetivos traçados para suas vidas.

Outro aspecto que contribuiu para a escolha de não ter filhos, segundo os casais desta pesquisa, referiu-se às questões sociais, destacando-se a superpopulação mundial e os elevados níveis de violência no Brasil: “Cada vez mais custoso botar uma criança no mundo. Existem riscos que eu não quero correr. [...] Eu acho que não está valendo pôr gente no mundo. No ponto de vista socioambiental, parece uma irresponsabilidade trazer alguém para Terra” (H1); “Eu acho uma crueldade pôr um ser no mundo, porque a gente sabe como o mundo está, bem perigoso e cheio de maldade” (H5); “Isso é um dos princípios nossos de não querer ter filhos, tem gente demais no mundo. Se todo mundo resolver ter filhos, o mundo vai colapsar” (M9).

No estudo italiano de Agrillo e Nelini (2008), através de uma revisão sobre a

escolha de não ter filhos, também foi identificado em casais que não desejam ter filhos uma preocupação com os fatores ambientais e/ou uma superpopulação do planeta. No mesmo sentido, a pesquisa de Park (2005), realizada com quatorze mulheres e nove homens do Reino Unido sem filhos, apontou uma preocupação com o crescimento populacional. Nesse sentido, não ter filhos é focar em melhorar o bem-estar de quem já vive em um planeta superpovoado e ambientalmente degradado.

Sobre a tomada da decisão de não ter filhos, os participantes do presente estudo afirmam que o desejo de não assumir a parentalidade era prévio ao casamento, construído em suas histórias individuais: “Na verdade, não sei se foi uma escolha. Uma coisa que meio eu nunca precisei escolher, porque eu nunca quis. É igual perguntar para ti: ‘Tu já pensou em esquiar? Fazer ski’. Tu vai responder: ‘Olha, eu nunca pensei. Quem sabe um dia, se eu for numa montanha com neve’. Mas é uma coisa que tu nunca pensou, então, tu acaba com o foco em outras coisas, tu não pensa nisso.” (H2); “A minha escolha por não ter filho é desde que eu me entendo por gente. Eu nunca quis ser mãe.” (M5).

Ao considerar a decisão de não ter filhos e sua relação conjugal, os participantes destacaram como um aspecto importante da relação o fato de seus/suas companheiros(as) compartilharem do mesmo desejo: “Foi um alívio encontrar alguém que não queria saber disso [filhos] também.” (M3); “Eu estou com ele, nós só nos casamos, decidimos construir família, ter o que nós temos hoje, porque ele também não quer [ter filhos].” (M5); “Geralmente quem não quer ter filhos busca quem não quer ter filhos, né, procura uma integração.” (H6); “A gente falou de não querer ter filhos. Como a gente tem a mesma opinião, é uma coisa que nos une.” (M7).

Semelhante a isto, Silva e Frizzo (2014) constataram a relevância da satisfação de ambos com a decisão tomada para a manutenção da relação, além de evitar divergências e conflitos. Ainda, os achados de Caetano, Martins e Motta (2016), a partir de estudo com cinco casais paulistanos que optaram por não ter filhos, a cumplicidade entre o casal foi destacada como fator presente na discussão de não ter filhos, sendo essa decisão mais evidenciada nas falas das mulheres.

Cabe lembrar que, apesar da ampliação dos papéis sociais ocupados pelas mulheres, a figura feminina, por muitos séculos, foi ligada às funções de mãe e esposa. Diferentemente, os homens não são cobrados para que assumam o papel de pais. Nesse sentido, para as mulheres participantes da pesquisa, a não identificação com o papel materno foi um aspecto importante para a decisão de não ter filhos.: “Eu nunca tive vontade, nunca tive um desejo de maternagem, de ter filhos” (M2); “Eu penso isso desde

os 14 anos de idade, desde que eu comecei a perceber o que significava uma mulher querer ser mãe e eu decidi que não era para mim.” (M3); “Nunca me vi na vida sendo mãe. [...] Eu nunca fui criada para gerar um filho. Meus pais me deram educação para eu ser uma mulher independente, não precisar de ninguém para nada. E para ser muito boa na minha carreira.” (M4);

Conforme Gradvohl (2015), a partir de estudo com trezes casais que optaram por não ter filhos, as mulheres sofrem mais com o impacto negativo dessa escolha do que os homens. Tal resultado reflete os tradicionais papéis de gênero ainda presentes em nossa sociedade, que pressupõem a maternidade como natural às mulheres. Conforme Park (2005), ainda que haja muitos motivos para a decisão de não ter filhos, a não identificação com o papel de mãe ou pai seria o maior deles. Contudo, para a maioria dos participantes da pesquisa não consideravam a decisão como uma escolha entre ter filhos ou não tê-los, pois muitos nem pensavam nesta possibilidade.

Ao serem questionados sobre os sentimentos em relação à escolha de não ter filhos, todos os casais participantes indicaram satisfação e tranquilidade: “Todos os dias, eu sinto um alívio muito grande, por não ter filhos” (M1); “Eu me sinto com muita sorte, do jeito que estou e muito feliz por não estar envolvido com criança. Minha vida é melhor do jeito que é agora” (H2) “Muito feliz e tranquilo, é algo tão natural para mim que às vezes até engraçado pensar que é uma escolha, é natural” (H10).

A escolha por não ter filhos envolve muitos sentimentos, dentre eles, a sensação de satisfação com a vida que se leva e a convicção de que fizeram a escolha certa: “Sempre que a ideia de ser pai veio na minha cabeça, eu via aquilo como uma escolha entre aquilo que eu quero de fato ou resolver o problema de alguém” (H1); “Eu vejo muitas pessoas que querem ter filhos porque elas não se sentem bem sozinhas, consigo mesmas. Então, filho é aquela coisa ‘quem vai cuidar de mim quando eu estiver velho e sozinho? Eu preciso de um filho para fazer isso’” (H2); “Eu não lido bem com criança, eu não funciono com crianças.” (H3); “Nós estávamos no shopping, em um lugar público e tinha uma criança fazendo birra, fazendo um escândalo e eu falei assim: ‘Eu não me vejo passando por isso’” (M5); “Acaba sendo até uma atitude meio egoísta, na minha cabeça, no sentido de que a gente se gosta tanto que quer gastar nosso tempo, energia, dinheiro com a gente, do que com um ser” (H8).

Sobre sentimentos positivos em relação a opção de não ter filhos, Coelho, Souza e Silva (2020) apontaram, a partir de um estudo online realizado com dez casais, que os casais sem filhos tendem a expressar satisfação com seus relacionamentos e não

precisando assumir a parentalidade para se sentirem felizes na relação. Rios e Gomes (2009a) também afirmam que muitos casais manifestam estarem felizes, ainda que existam dificuldades relacionadas a escolha. É importante salientar que mesmo os casais afirmem estarem satisfeitos com a união/casamento, ainda existe uma demanda social para que tenham filhos.

## 2. Visão social

Esta categoria contempla as experiências dos casais sem filhos em relação a família, amigos, pessoas próximas e sociedade. Envolve as vivências em relação a revelar a decisão de não ter filhos, as expectativas dos familiares e o cotidiano desses casais.

No âmbito familiar, os casais que escolheram não ter filhos passaram a desempenhar novos papéis ao não dar continuidade geracional a família. Apenas sete dos vinte participantes entrevistados referiram ter o apoio da família na escolha: “Sempre me incentivaram muito a ser uma pessoa forte, que lutaria pelo que quer. Por isso, sempre me apoiaram muito na decisão de não ter filhos. [...] Eles, inclusive, me incentivam muito” (M4); “Acredito que toda mãe quer ter um netinho, mas a partir do momento que ela [mãe da participante] viu que não haveria possibilidade, ela entendeu, ela aceitou super de boa e vida que segue. Acredito que o tempo, aliado a toda essa situação” (H4); “Com ela [mãe] eu refleti mais, tive conversas mais sérias de como seria e o que significa ter um filho, mas nunca do ponto de vista de uma expectativa” (H10).

Para todos os outros 13 participantes do estudo, a decisão por não ter filhos, muitas vezes, foi questionada ou cobrada pela família: “Eu quebrei um sonho lá, quebrei um paradigma deles e eu acho que eles não compreendem bem, eles não entendem essa decisão” (H1); “É uma cobrança sentida e não falada. Você percebe, mas não é nada assim ‘você tem que ter filho, eu quero ter neto’. Você sente, é um clima” (M7); “Eles gostariam de ter netos, acham errada essa decisão. Mas não é uma coisa que pese muito. Eles fazem cobranças mais brandas. Não aquilo ‘tem que ter filho’, mas tipo ‘gostaria tanto de ter um netinho’” (H8).

A decisão por não ter filhos ainda causa estranheza em muitas pessoas e na própria família: “A gente sempre procurou fazer de conta que não ouvia, mudar de assunto, desviar, mas ele [sogro] sempre incomodando.” (M2); “O pessoal solta muita piadinha, né, só que eu ignoro, porque, assim, eu não tenho meia palavra, quando tem que falar eu falo, tanto que as pessoas evitam falar, porque sabem que vão ouvir” (M5); “Tem uma tia por parte de pai que não tem filho, mas tem aquela incógnita de: a tia não pode ter filhos,

ou a tia não quis ter filhos." (M8).

Questionamentos sobre a perpetuação da família, continuidade geracional ou sobre o legado da família, foram referidos pelos participantes do estudo: "Você vai deixar morrer o legado dos [sobrenome da família]?" (H1); "É engraçado, a minha mãe quando ainda achava que teria uma possibilidade de eu ser mãe, porque queria ter netos mestiços de japonês." (M3); "Ah, sempre é um debate, acho porque, 'mas pô, tu não vai deixar rastro', esse lance. Não entenderam com o tempo. Eu fico rindo, porque é escolha minha, né, uma escolha individual de cada um" (H6); "'Pô, ia sair uma criança bem bonitinha de vocês dois', pois é, eu também tinha curiosidade de saber o que ia sair daqui, mas não estou a fim de pagar para ver" (H7).

Apesar das mudanças sociais e da ampliação do conceito de família, casais sem filhos continuam sendo questionados acerca dessa decisão. Rios e Gomes (2009b), através de um estudo clínico-qualitativo, com quatro casais paulistanos sem filhos por opção, apontaram que muitos manifestavam estarem felizes com a escolha, no entanto, referiam dificuldades em terem sua decisão respeitada. Os casais tinham maior probabilidade de revelar sua opção por não ter filhos para pessoas que parecem apresentar um ponto de vista semelhante a esse respeito, o que diminuía as chances de serem confrontados com uma reação negativa. Caetano, Martins e Motta (2016) identificaram que os pais e amigos dos participantes alimentavam expectativas de que eles pudessem mudar de ideia, fato que dificultava a criação de autoconfiança e credibilidade acerca da decisão de não ter filhos. Nesse contexto, Mendes e Pereira (2019) apontam que alguns casais evitam dar explicações ou preferem fingir que não podem ter filhos para pôr fim aos questionamentos, pois os familiares afirmam uma necessidade de perpetuar a configuração tradicional de família. A esse respeito Agrillo e Nelini (2008) apontam que pessoas que decidem não ter filhos assumem um estereótipo negativo pelo fato de estarem violando uma norma social.

As mulheres contam, ainda, com o fator biológico que impõe limites para a gestação de um filho: "As minhas amigas, pela minha idade, elas já têm até neto, e eu sempre olhava e estava de boa, na minha" (M1); "Não tive um julgamento mais pesado. Imagino que quando eu chegar aos 40 e não tiver filhos, vou ter um julgamento um pouco maior da sociedade nesse sentido. Mas eu vou estar preparada, provavelmente." (M8); "Sempre me vi viajando, nunca me enxerguei cuidando de uma criança. Muitas pessoas falavam: 'quando chegar os 30 anos, vai te bater o instinto materno, uma vontade louca de ter filho' ou 'quando chegar os 40 vai bater o desespero, porque tá no final do período

fértil' e nunca bateu. Eu nunca tive instinto materno. Desde nova eu sempre me vi sem filhos" (M9); "Ah, vai chegar uma hora que tu vai mudar de ideia. Espera que vai acontecer', e eu estou prestes a fazer 30 anos e nenhum sentimento mudou em relação a isso. Então, eu acho que me sinto bastante confortável e confiante" (M10).

O estudo de Smeha e Calvano (2009), com seis mulheres gaúchas que optaram por não ter filhos, indicou que para as mulheres o peso da decisão de não ter filhos é maior do que para os homens devido à pressão social baseada na concepção de que toda mulher tem "vocação para ser mãe". A esse respeito, Patias e Buaes (2009), a partir de um estudo com seis mulheres gaúchas que escolheram não ter filhos, sinalizaram para a desconstru o de uma concep o naturalizada da maternidade e que as mulheres criam estratégias para justificarem a escolha, tais como a evita o e a aproxima o de pessoas com os mesmos ideais. Segundo Mansur (2003), a escolha pela não-maternidade provoca o rompimento de um modelo tradicional esperado para as mulheres e desfaz o mito do instinto materno<sup>6</sup>.

Somado a isso, os casais do estudo percebem diferenças em rela o aos amigos associadas   escolha por não ter filhos: "Casais com filhos fazem outros tipos programas de casais que não tem filhos e casais com filhos acabam tendo menos tempo para fazer coisas que faziam antes. Então, tu acaba deixando de ver alguns amigos, acaba não conseguindo ver mais, acaba não conseguindo fazer algumas coisas com eles, porque estão envolvidos com filhos" (H2); "Eu percebi que não querer ter filhos   uma coisa que me diferenciou da maior parte dos meus amigos e, às vezes, eu sinto que eles estão gravitando mais para querer coisas mais tradicionais e eu sinto que eu não tão mais me encaixando tanto, porque eu não quero ter filhos." (H3); ou, por outro lado, semelhanças: "A maioria dos meus amigos não pensa em ter filhos têm e o que tem vontade, conversamos sobre e eles pensam em adotar. A gente tem conversas sinceras sobre esses sentimentos, muito respeito. Não sou discriminada e não discrimino." (M3).

Mendes e Pereira (2019) apontam a liberdade e a satisfa o como aspectos valorizados pelos indivíduos que decidiam não terem filhos. Conforme Park (2005), em decorrência disso, estes casais ainda enfrentam estigmas sociais associados   sua escolha, sendo considerados egoístas, imaturos, frios e irresponsáveis. O estudo americano de

---

<sup>6</sup> No livro de Elisabeth Badinter "Um amor conquistado: o mito do amor materno" a autora considera que o vínculo afetivo entre a mãe e beb  não   natural, mas construído. O amor materno foi por muito tempo considerado um instinto que fica difícil compreender como não fazendo parte da natureza de toda a mulher.

Harrington (2019), a partir material clínico e evidências anedóticas<sup>7</sup>, também apontou que casais sem filhos são considerados egoístas.

Ao considerar o processo vivenciado por casais sem filhos voluntariamente, Pelton e Hertlein (2011) propuseram um ciclo de vida familiar composto por quatro tarefas, envolvendo: o processo de decisão, o manejo do estigma, a delimitação de uma identidade conjugal e a construção de um legado que não dependa de ter filhos. A última tarefa é denominada “Construir um sistema de suporte e deixar um legado” e diz respeito ao estabelecimento de redes de apoio à medida que envelhecem, como laços de amizades, tanto como casal, quanto individualmente por cada cônjuge.

O movimento *Childfree* traduzido para “Sem filhos” ou “Livre de crianças” vem ganhando espaço no Brasil e no mundo, como um fenômeno carregado de simbolismos e que aponta para um novo contexto social e novas formas de relacionar-se com a infância. Entre eles espaços como restaurante e hotéis que não permitem a entrada de criança. O movimento é dividido por posicionamentos antagônicos, por alguns a existência de uma intolerância a crianças e a maternidade e por outros apenas a escolha de não ter filhos. No grupo do *Facebook*, por meio do qual a maioria dos entrevistados foram contatados, é comum encontrar postagens como: oposição entre pessoas que tiveram filhos como “infelizes, e não realizadas profissionalmente” e as pessoas CF (*Childfree*) como “felizes e realizadas”. Conforme Fernandes e Lacerda (2012), pessoas declaradas *Childfree* buscam favorecer uma maior liberdade e propor uma sociedade mais tolerante com quem faz a opção de não ter filhos, sejam casais, sejam solteiros, e que resguarde os direitos dos cidadãos contra os preconceitos ou as restrições sociais. Harrington (2019), afirma que é socialmente aceitável que pessoas com filhos reclamem da parentalidade e/ou de ter filhos, mas o mesmo não é aceito quando a crítica ou comentário parte de pessoas sem filhos.

### **Considerações Finais**

O presente estudo teve como objetivo conhecer as motivações de homens e mulheres acerca da decisão por não ter filhos. É importante destacar que apesar da maior aceitação em relação à escolha por não ter filhos, tal configuração familiar ainda é encarada como desviante da norma. Nesse sentido, as trajetórias dos casais participantes do estudo apontam para o não desejo de ter filhos e a falta de motivos do que a própria

---

<sup>7</sup> É o nome dado a uma anedota que, deixa o seu caráter pessoal e adquire caráter científico.

escolha de não os ter. A este respeito, cabe considerar que esses casais estão alinhados a questões contemporâneas e às mudanças sociais e culturais, como o feminismo e a possibilidade de escolha da mulher, antinatalismo e viver uma vida que não está ditada sob as regras sociais.

Através dos discursos dos casais participantes, pode-se observar o movimento pelo término das estigmatizações negativas em torno de quem opta por não ter filhos. Essa nova configuração familiar, atrelada à ausência de filhos no núcleo familiar, confere um tom de anormalidade para muitos parentes e amigos. O casal que não tem filhos muitas vezes “assombra” por seus motivos não estarem ligados a questões de fertilidade ou por dizer respeito a uma decisão que parte tanto dos homens quanto das mulheres, o que põe em xeque o mito do instinto materno.

O estudo atentou a realidades diversas ao acessar casais residentes de diferentes estados do país e até mesmo fora do Brasil, portanto, contextos diversos. De casais que residiam em cidades pequenas a grandes, e que vivenciam uma rede de apoio, ao estilo mais reservado das cidades estrangeiras, que não esboçam reações as escolhas dos casais. O estudo avançou no conhecimento científico ao compreender que suas vivências se aproximaram a partir de suas escolhas e que estão sujeitos a questionamentos, preconceitos e adversidades vivenciados, mas, sobretudo a partir da potência que esses casais possuem e os aproximam.

Salienta-se, contudo, que as reflexões aqui propostas não esgotam as possibilidades de leituras da temática, sendo importante a ampliação de estudos, os quais podem centrar-se em diferentes aspectos de suas experiências. Cabe considerar que, ainda que a pesquisa tenha sido realizada através de grupos do *Facebook*, com o objetivo de alcançar uma maior diversidade de casais sem filhos, os achados encontrados neste estudo refletem a experiência de um grupo relativamente homogêneo em termos de formação e condições socioeconômicas, caracterizados por elevado nível socioeconômico e alta escolaridade. Desse modo, sugere-se que novos estudos na área busquem investigar casais de contextos diversos, uma vez que os resultados deste estudo possivelmente não se aplicam a outros segmentos culturais e socioeconômicos. Ainda, como ponto relevante a ser mais bem explorados em estudos futuros destaca-se a dinâmica das redes sociais e as produções que são compartilhadas entre os membros, como a defesa da laqueadura para mulheres que não desejam ter filhos e a maior aceitação de suas escolhas.

## Referências

- AGRILLO, C.; NELINI, C. Childfree by choice: a review. **Journal of Cultural Geography**, 25:3, 347-363, 2008.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. **A Família DINC no Brasil: algumas características sócio-demográficas.** - Rio de Janeiro: IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2010.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROS, L. F. W.; ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Novos arranjos domiciliares: condições socioeconômicas dos casais de dupla renda e sem filhos (DINC). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVI, Caxambu, 2008; Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 1-29, 2008.
- BERNARDI, D. DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Satisfação Conjugal e Liberdade: Percepções de Sujeitos Casados acerca da Ausência de Filhos. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 13(1), 2020.
- BERNARDI, D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. **Contextos Clínicos**, vol. 11. n. 2, Maio-Agosto 2018.
- BREAKWELL, G. M.; ROSE, D. Teoria, Método e Delineamento de Pesquisa. *In*: BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; SMITH, J. A. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em psicologia.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2010, p. 22-41.
- CAETANO, C.; MARTINS, M. S.; MOTTA, R. C. Família Contemporânea: Estudo de Casais Sem Filhos por Opção. **Pensando Famílias**, 20(1), (43-56), jul. 2016.
- COELHO, I. M.; SOUZA, D. C.; SILVA, I. R. Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 67, p. 56-69, agosto 2020.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, 1998.
- FERNANDES, E; LACERDA, M. M. **Sem filhos por opção: casais, solteiros e muitas razões para não ter filhos.** São Paulo-SP: Editora Versus, 2012.
- FONTANELLA, B. J. B., et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 2, p.389-394, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.AN

- GRADVOHL, S. M. O. Vivências de casais que optaram por não ter filhos. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2015.
- HARRINGTON, R. Childfree by Choice, **Studies in Gender and Sexuality**, 20:1, 22-35, 2019.
- HECKLER, V. I.; MOSMANN, C. Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.41, p.<119-147>, jul./dez. 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020. **Estudos e Pesquisas informações demográfica e sociodemográfica, número 43**. Rio de Janeiro, 2020.
- MANSUR, L. H. B. Sem filhos: a mulher singular no plural. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MENDES, T. R.; PEREIRA, V. T. Casais que optam por não ter filhos: entre escolhas e expectativas. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 19 (1) jan/jun 2019.
- MINAYO, C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo, 2008.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.** vol.18 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2006.
- PARK, K. Choosing childlessness: Weber’s typology of action and motives of the voluntarily childless. **Sociological Inquiry**, 75, 372–402, 2005.
- PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. Não tem filhos? Por quê? **Disc. Scientia**. Série: Ciências Humanas, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 121-133, 2009.
- PELTON, S. L.; HERTLEIN, K. M. A Proposed Life Cycle for Voluntary Childfree Couples, **Journal of Feminist Family Therapy**, 23:1, 39-53, 2011.
- RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia** | Campinas | 26(2) | 215-225 | abril – junho, 2009a.
- RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Estigmatização e Conjugalidade em Casais sem Filhos por Opção. **Psicologia em Estudo**. Maringá, vol. 14, n. 2, abr./jun. 2009b.
- SILVA, I. S.; ROHDE, L. A. Estilos de vida líquidos: Casais DINC (Duplo Ingresso, Nenhuma Criança). **Revista Brasileira de Marketing – REMark**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 196-222, jan./mar. 2013.
- SILVA, I. M.; FRIZZO, G. B. Ter ou não ter? Uma revisão de literatura sobre casais sem filhos por opção. **Pensando famílias**. vol.18 no.2 Porto Alegre dez. 2014.

SMEHA, L. N.; CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. **Psicol. Argum.** jul./set., 27(58), 207-217, 2009.

STAHNKE, B.; BLACKSTONE, A.; HOWARD, H. Lived Experiences and Life Satisfaction of ChildFree Women in Late Life. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, Vol. 28(2) 159-167, 2020.

STAKE, R. E. **Multiple case study analysis**. Guilford Press, 2006.

TUDGE, J. R. H.; FRIZZO, G. B. **Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola**. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Manuscrito não publicado 2002.

ZORDAN, P. E.; FALCKE, D. WAGNER, A. Casar ou não casa? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **A Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo compreender as experiências da conjugalidade de homens e mulheres em casamentos sem filhos por opção. Mais especificamente, buscou entender a experiência de homens e mulheres sem filhos por opção em suas relações conjugais e conhecer as motivações de homens e mulheres acerca da decisão por não ter filhos.

Buscou-se direcionar um olhar à conjugalidade de forma plural, entendendo que, na contemporaneidade, essa tem se apresentado de forma cada vez mais diversa. Nesse sentido, os relacionamentos de casais sem filhos, ligados às mudanças sociais, refletem novas estruturas familiares. Esse aspecto suscita reflexões acerca das novas configurações familiares através da inserção da mulher no mercado de trabalho, a revolução sexual, advinda dos métodos contraceptivos e investimento na carreira profissional.

Foi possível compreender a complexidade inerente à temática. Em primeiro lugar, cabe destacar que a conjugalidade, por si só, é uma relação complexa, devido a todos os elementos que abarca: as expectativas, os desejos, os investimentos, o tornar-se “dois”, sem, no entanto, deixar de preservar no individual. Quando a conjugalidade é experienciada no contexto de não ter filhos, foi identificado que os casais referiram altos níveis de satisfação conjugal, valorizando o relacionamento de forma primordial em suas vidas. Além disso, percebeu-se que a tentativa de preservação do estilo de vida a dois, e os prazeres vivenciados nos momentos de lazer do casal contribuem para a coesão e o compromisso entre eles.

Cabe destacar, que os casais participantes da pesquisa, sempre tiverem o desejo de não ter filhos, independente da relação amorosa, uma decisão construída a partir de suas individualidades. Nesse sentido, observou-se que não foi uma escolha entre ter filhos ou não e sim uma afirmação da possibilidade de exercer a conjugalidade desassociada da parentalidade. Os participantes do estudo afirmaram estar certos da escolha por não ter filhos, como também consideram que esta decisão não mudará no futuro.

Na contemporaneidade, os casais decidem se querem ou não ter filhos com mais liberdade e autonomia, entretanto, antigas concepções, vinculando parentalidade e realização pessoal, ainda são observadas. Nesse sentido, a maior parte dos casais mencionou ainda ser questionada acerca de sua opção por não ter filhos. Por outro lado, percebe-se que a sociedade vem passando por transformações. Assim, apesar de os membros do casal ainda sofrerem pressão para que se tornem pais, parece que essa questão vem se modificando, tornando a opção pela não parentalidade um pouco mais

aceita.

A partir do que se discutiu nesta dissertação, constatou-se que a escolha e motivações para a decisão de não ter filhos foi influenciada por diversos fatores, dentre eles, a busca pela realização pessoal, liberdade, vida profissional e financeira. Cabe analisar que os participantes desta pesquisa residem em grandes cidades e, desse modo, investiam em educação, trabalho e no lazer, sendo a dedicação nesses projetos fonte de satisfação e investimento.

Ao considerar conjuntamente os resultados dos dois artigos resultantes dessa dissertação, considera-se que, o enfoque na relação conjugal e a atribuição de significados positivos a ele, identificados no primeiro estudo, parece auxiliar os casais a sustentarem a escolha por não ter filhos e enfrentaram os questionamentos a esse respeito, conforme o apontado no segundo artigo. Dessa forma, conclui-se que o projeto de ter filhos não se constitui no principal objetivo dos casais, associado à valorização de seus projetos individuais e os vínculos conjugais.

Por fim, atenta-se à importância de se ter investigado as experiências de casais sem filhos através de um delineamento qualitativo, visto que essa abordagem permitiu o contato da pesquisadora com o universo de significados e particularidades dessas relações. Destaca-se, ainda, a pouca exploração da temática em contexto brasileiro, de modo que os resultados aqui encontrados podem contribuir com investigações futuras.

Como limitações da pesquisa, aponta-se que esse estudo incluiu pessoas com níveis socioeconômicos médio a alto e com alta escolaridade, de modo que os resultados encontrados possivelmente não correspondem à experiência de casais provenientes de contextos mais vulneráveis. Ademais, metade dos participantes da pesquisa faziam parte de grupo no *Facebook* e possuíam conhecimento prévio sobre a temática. Ainda assim, destaca-se como importante o foco do estudo estar na experiência da conjugalidade, visto que, em sua maioria, as pesquisas sobre os casais sem filhos no contexto brasileiro direcionam olhares, para as motivações da escolha. Assim, possibilitar espaços de fala a eles significou lhes direcionar um lugar de protagonismo frente a suas vivências e relações, avançando em conhecimento científico acerca da temática.

## REFERÊNCIAS

- AGRILLO, C.; NELINI, C. Childfree by choice: a review. **Journal of Cultural Geography**, 25:3, 347-363, 2008.
- ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. M.; BARROS, L. F. W. **A Família DINC no Brasil: algumas características sócio-demográficas**. - Rio de Janeiro: IBGE. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2010.
- ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 1, p. 32-50, 2016.
- ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. **Temas psicol.** vol.25 no.2 Ribeirão Preto jun. 2017.
- ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Tempo e Argumento**, v. 3, n.1, p. 180-198, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180303012011180>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROS, L. F. W.; ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S. Novos arranjos domiciliares: condições socioeconômicas dos casais de dupla renda e sem filhos (DINC). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVI, Caxambu, 2008; Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 1-29, 2008.
- BERNARDI, D.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. **Contextos Clínicos**, vol. 11. n. 2, Maio-Agosto 2018.
- BERNARDI, D. DANTAS, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T. Satisfação Conjugal e Liberdade: Percepções de Sujeitos Casados acerca da Ausência de Filhos. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 13(1), 2020.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Brasília:

**Conselho Nacional de Saúde**, 2016.

CAETANO, C.; MARTINS, M. S.; MOTTA, R. C. Família Contemporânea: Estudo de Casais Sem Filhos por Opção. **Pensando Famílias**, 20(1), (43-56), jul. 2016.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CEP/UFAM. **Pesquisas online**. 2019. Disponível em: <<https://www.cep.ufam.edu.br/pesquisas-on-line.html>>. Acesso em 01 jun. 2021.

CERVENY, C. M. O. et al. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, L. C.; PASCUAL DO VALLE; M. E. (Orgs). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed. cap 1, p. 25-37, 2009.

COZBY, P.C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 454 p., 2006.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 3. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DIAS, M. R. S. B. Casais que não desejam ter filhos. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Psicologia Clínica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2011.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, 1998.

FERNANDES, E; LACERDA, M. M. **Sem filhos por opção: casais, solteiros e muitas razões para não ter filhos**. São Paulo-SP: Editora Versus, 2012.

FONTANELLA, B. J. B., et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 2, p.389-394, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

GRADVOHL, S. M. O. Vivências de casais que optaram por não ter filhos. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2015.

HARRINGTON, R. Childfree by Choice, **Studies in Gender and Sexuality**, 20:1, 22-35, 2019.

HECKLER, V. I.; MOSMANN, C. Casais de dupla carreira nos anos iniciais do casamento: compreendendo a formação do casal, papéis, trabalho e projetos de vida. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.41, p.<119-147>, jul./dez. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico 2000: Famílias e domicílios**. Rio de Janeiro, p. 1-200, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estatísticas Registro Civil**. Rio de Janeiro, v. 37, p.1- 178, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sistema nacional de informações de gênero, estatística de gênero. Uma análise dos resultados do censo demográfico 2010. **Estudos e Pesquisas informações demográfica e sociodemográfica, número 33**. Rio de Janeiro, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estatísticas Registro civil**. Rio de Janeiro, v. 44, p. 1-8, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020. **Estudos e Pesquisas informações demográfica e sociodemográfica, número 43**. Rio de Janeiro, 2020.

LIMA, R. A.; ALVES, I. C. B. As particularidades da (in)satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil – V. 30, n° 79, p. 424-439, 2010.

LIRA, A. G. B. Uso educacional do google meet durante a pandemia do novo coronavírus: uma pesquisa com alunos do ensino superior. Monografia (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração. Natal, RN, 2022.

MAIER, C. **Sem Filhos: 40 razões para não ter**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MENDES, T. R.; PEREIRA, V. T. Casais que optam por não ter filhos: entre escolhas e expectativas. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 19 (1) jan/jun 2019.

MINAYO, C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª ed. São Paulo, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE a. Conselho Nacional de ética em Pesquisa. **Orientações para condução de pesquisas e atividades dos CEP durante a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-COV-2 (COVID-19)**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.prp.unicamp.br/sites/default/files/2020/cep/orientacoes-conep-2020.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE b. Cartilha informativa – Tem dúvidas sobre o coronavírus? O Ministério da Saúde te responde! 2020. Disponível em: <<http://www.saude.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2020/02/Cartilha-Informacoes-Coronavirus.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**, 1. Porto Alegre: Artmed, 1982.

MOSMANN, C.; FALCKE, D. Conflitos conjugais: motivos e frequência. **Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 12, n. 2, p. 5-16, 2011.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA EM SAÚDE NO BRASIL (OPAS). Folha informativa - **COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. 27 de maio de 2020. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)>. Acesso em: 25 jan.2022.

PARK, K. Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntarily childless. **Sociological Inquiry**, 75, 372–402, 2005.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. Não tem filhos? Por quê? **Disc. Scientia**. Série: Ciências Humanas, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 121-133, 2009.

PELTON, S. L.; HERTLEIN, K. M. A Proposed Life Cycle for Voluntary Childfree

Couples, **Journal of Feminist Family Therapy**, 23:1, 39-53, 2011.

RECZEK, C. Conducting a multi family member interview study. **Family Process**, 53(2), 318–335, 2014. <https://doi.org/10.1111/famp.12060>

RÍOS-GONZÁLEZ, J. A. **Vocabulário básico de orientación y terapia familiar**. Madrid: Editorial CCS, 2003.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Estigmatização e Conjugalidade em Casais sem Filhos por Opção. **Psicologia em Estudo**. Maringá, vol. 14, n. 2, abr./jun. 2009.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, 199 p.

SCHMIDT, B., et al. Relacionamento conjugal e características sociodemográficas de casais heteroafetivos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 3, p. 871-890, 2015.

SCHMIDT, B.; PALLAZI, A.; PICCININI, C. A. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **REFACS**, v. 8, n. 4, 2020. DOI: 10.18554/refacs.v8i4.4877

SCORSOLINI-COMIN, F.; ALVES-SILVA, J. D.; SANTOS, M. A. Permanências e discontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 34, p. e34423, 2018.

SILVA, I. M.; FRIZZO, G. B. Ter ou não ter? Uma revisão de literatura sobre casais sem filhos por opção. **Pensando famílias**. vol.18 no.2 Porto Alegre dez. 2014.

SMEHA, L. N.; CALVANO, L. O que completa uma mulher? Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. **Psicol. Argum.** jul./set., 27(58), 207-217, 2009.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 15(2), 33-45. São Paulo, SP, maio-ago. 2013.

STAHNKE, B.; BLACKSTONE, A.; HOWARD, H. Lived Experiences and Life Satisfaction of ChildFree Women in Late Life. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, Vol. 28(2) 159-167, 2020.

TUDGE, J. R. H.; FRIZZO, G. B. **Classificação baseada em Hollingshead do nível socioeconômico das famílias do Estudo Longitudinal de Porto Alegre: da Gestação à Escola**. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Manuscrito não publicado. 2002.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. A. Os desafios da família contemporânea: Revisitando conceitos. In: WAGNER, A. et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WAGNER, A.; MOSMANN, C. Intervenção na conjugalidade: estratégias de resolução de conflitos conjugais. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. (org). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZORDAN, P. E.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **A Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção  
Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup>. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup>. Caroline).

Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nós, Caroline Rubin Rossato Pereira e Andressa Nascimento dos Santos, responsáveis pela pesquisa “A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção”, o(a) convidamos para participar como voluntário(a) deste nosso estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a experiência da conjugalidade de homens e mulheres em casamentos sem filhos por opção. Ou seja, buscamos entender a experiência de casais sobre ter uma relação amorosa (casamento/união estável) com a escolha de não ter filhos por opção. Acreditamos que a sua participação será importante pois nos auxiliará a compreender experiências de homens e mulheres que, assim como você, vivenciam relações nesse contexto, o que contribuirá com um entendimento científico na área da psicologia. A entrevista poderá ocorrer de forma presencial ou online. Caso se realize as entrevistas de forma presencial, serão atendidos todos os critérios de cuidado e prevenção recomendados pela OMS, sendo o uso obrigatório de máscara e as higienizações com álcool em gel 70%, os quais serão ofertados pela pesquisadora. Além disso, o encontro será realizado em local aberto e arejado e que

garanta o sigilo das informações fornecidas. A coleta de dados poderá ser realizada de forma virtual (através de entrevista online – mediada por ferramentas como Skype ou Google Meet).

Sua participação na pesquisa se dará da seguinte forma: Inicialmente, você responderá a um questionário de dados sociodemográficos, que busca obter dados gerais sobre você e seu companheiro(a), como idade, escolaridade, dentre outras questões. Posteriormente, responderá a uma entrevista sobre a conjugalidade, que tem como objetivo compreender suas experiências sobre seu relacionamento e as escolhas que levaram a decisão de não ter filhos. Sua participação na pesquisa será gravada em áudio para, posteriormente ser transcrita, de forma a preservar, com fidelidade, o que foi respondido por você a nossas questões.

Esse estudo é considerado de riscos mínimos. É possível, assim, que no decorrer da pesquisa aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: cansaço ao responder as perguntas, desconforto ao pensar sobre as informações contidas nas entrevistas. Se for observado desconforto ou algum problema relacionado à pesquisa, nós nos comprometemos a avaliar a situação, interrompendo a continuidade de sua participação. Ainda, se for necessário, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo Projeto Enlaces, que disponibiliza atendimentos psicológicos a famílias e casais na UFSM.

Por outro lado, considera-se que essa pesquisa pode oferecer benefícios. Os benefícios esperados a partir de sua participação no estudo se referem a possibilitar um momento de reflexão sobre suas vivências relacionadas às relações sem filhos por opção, visto que direcionaremos a você uma escuta atenta e livre de julgamentos. Ainda, sua participação contribuirá com a construção do conhecimento científico sobre a temática em questão, o que pode resultar em benefícios para outros casais que vivenciam relações nesse contexto, bem como, poderá auxiliar outros profissionais e pesquisadores.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com alguma das pesquisadoras através dos números acima informados, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas apenas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM: Av. Roraima, 1000 - 97105-900 - Santa Maria - RS - 2º andar do prédio da Reitoria. Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@gmail.com.

responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também não serão utilizadas imagens. As informações coletadas a partir deste estudo serão arquivadas, por um período de cinco anos, na Universidade Federal de Santa Maria, no seguinte endereço: Avenida Roraima, nº 1000, UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. Após este prazo, todas as informações coletadas serão descartadas.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

---

Assinatura do voluntário

---

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

## APÊNDICE B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS



### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção  
Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup>. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira  
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup>. Caroline).  
Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

### **TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS**

As responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de um Questionário de Dados Sociodemográficos, e uma Entrevista sobre a Conjugalidade, os quais serão respondidos pelos participantes, com perguntas estruturadas e semiestruturadas sobre a temática em pesquisa.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada na Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Pesquisadora Caroline Rubin Rossato Pereira. Após este período, os dados serão descartados.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa

com Seres Humanos da UFSM em ...../...../....., com o número de registro Caae  
.....

Santa Maria, .....de .....de 20.....



.....  
Assinatura do pesquisador responsável

## APÊNDICE C – JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção  
Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup>. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira  
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup>. Caroline).  
Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

#### JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Justifica-se, por meio desta, a ausência do documento de Autorização Institucional para o projeto intitulado “A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção” devido ao fato de que este é dispensável para a realização da pesquisa. Conforme explanado no método deste projeto, os participantes do estudo serão contatados a partir de convites diretos, sem interlocução com alguma instituição.

Data: março/2021.

---

Prof. Caroline Pereira

## APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção

Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup>. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup>. Caroline).

Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

### QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome completo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Contato/Celular: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Profissão/ocupação: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) Não escolarizada ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Superior ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-doutorado.

Religião: \_\_\_\_\_ Praticante? ( ) Sim ( ) Não

Estado civil: ( ) Casamento ( ) União Estável

Tempo de Relacionamento: \_\_\_\_\_

Renda familiar: ( ) Entre 1 e 2 Salários Mínimos ( ) Entre 2 a 3 Salários Mínimos ( ) Entre 4 a 5 Salários Mínimos ( ) Entre 5 a 6 Salários Mínimos ( ) Entre 6 a 7 Salários Mínimos ( ) Entre 7 a 8 Salários Mínimos ( ) Entre 8 a 9 Salários Mínimos ( ) Entre 9 a 10 Salários Mínimos ( ) Mais de 10 Salários Mínimos

Quem você considera parte de sua família?

| Nome | Idade | Ocupação | Parentesco | Reside junto? |
|------|-------|----------|------------|---------------|
|      |       |          |            |               |
|      |       |          |            |               |
|      |       |          |            |               |
|      |       |          |            |               |
|      |       |          |            |               |
|      |       |          |            |               |

Mais alguém mora com você?

| Nome | Idade | Relação |
|------|-------|---------|
|      |       |         |
|      |       |         |
|      |       |         |

#### Dados sobre o companheiro(a)

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) Não escolarizado ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( )  
Ensino Superior ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-doutorado.

Religião: \_\_\_\_\_

Profissão/ocupação: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE E - ENTREVISTA SOBRE A CONJUGALIDADE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção

Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup>. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup>. Caroline).

Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

### ENTREVISTA SOBRE A CONJUGALIDADE

**Eixo 1: Experiências relacionadas à conjugalidade:**

Gostaria que você me contasse um pouco sobre a história de vocês dois, você e o(a) \_\_\_\_\_ (nome do companheiro(a)).

Como você e o(a) \_\_\_\_\_ se conheceram?

Você pode contar como é a vida de vocês? (Ex. rotina...)

Como vocês gerenciam o tempo de vocês? (Ex. trabalho, autocuidado, viagens)

O que vocês fazem juntos? E o que é feito de forma individual?

Me conta um pouco sobre a relação de vocês? Como vocês se dão? (qualidade)

Como você considera seu (relacionamento/casamento/união)?

Como você se sente em relação ao casamento? Você se considera satisfeito(a)? O que você acha que contribui para isso?

Há algo que lhe agrada na relação de vocês?

Há algo que lhe desagrada?

O que você considera como desafio no seu relacionamento/casamento?

O que motiva você a continuar com a relação de vocês?

## **Eixo 2: Concepções relativas ao casamento e à parentalidade:**

Agora, de modo mais geral, gostaria que você falasse o que é (casamento/união) para você?

O que o seu (casamento/união) significa para você?

O que o(a) \_\_\_\_\_ representa na sua vida?

O que você pensa sobre os papéis dos homens e das mulheres em um relacionamento?

Você acha que existem coisas nas relações que são responsabilidade mais de um ou de outro?

Se sim, qual seria o papel do homem? E o da mulher?

Gostaria que você me contasse como foi a escolha por não ter filhos?

O que motivou essa decisão?

Você tinha esse desejo antes do casamento?

Como essa decisão foi tomada no casamento, entre o casal? Em que momento do casamento/união se deu essa escolha? Como ela foi construída junto ao seu companheiro(a)?

Como você se sente com essa escolha no momento?

Se seu parceiro(a) decidisse ter filhos, você mudaria a decisão?

Você pensa que a opção por não ter filhos modificou a sua vida de alguma forma? Como?

E de seu (sua) parceiro(a)?

Como você acha que a opção por não ter filhos influencia no seu relacionamento como casal? Por quê?

O que atribui de positivo ao fato de ter escolhido não ter filhos?

E de negativo?

O que você entende por família?

Como é a sua família de origem? (Explicar o que é família de origem)

Como você percebe que a decisão por não ter filhos afetou sua relação com as pessoas de sua família? Por quê?

Seus pais apresentavam expectativas em relação a possibilidade de ter netos?

Como lidaram com o fato de escolher não ter filhos?

Agora pensando nos seus amigos e colegas de trabalho, você acha que o fato de não ter filhos afeta sua relação com eles de alguma forma? Por quê?

Você considera já ter sofrido preconceito, estigmatização em relação a escolha de não ter filhos?

## **Eixo 3: Fechamento**

Como você se vê no futuro sem filhos?

Pensando um pouco no futuro, como você imagina a relação de vocês como casal daqui a alguns anos? O que você espera para vocês?

Agora, para encerrar, se você pudesse dar um conselho para casais que não querem ter filhos, o que você diria?

Você gostaria de acrescentar algo a isso que nós conversamos?

Muito obrigada.

## APÊNDICE F - DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

### APÊNDICE F - DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO



#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Título do projeto: A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção  
Pesquisadora responsável: Mestranda Andressa Nascimento dos Santos e Prof.<sup>a</sup> Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira  
Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Telefone para contato: (55) 99623 4391 (Andressa), 3220-9233 (Prof.<sup>a</sup> Caroline).  
Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, prédio 74B, sala 3206A, Camobi, Santa Maria/RS.

#### DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Eu, Gabriela Sarturi Rigão, psicóloga mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM, e integrante do Projeto de Extensão "Enlaces: Estudos e Intervenções em Terapia Familiar e de Casal" (nº 04136 - CESH/UFSM), que presta serviço de atendimento psicológico nas dependências da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, declaro que será disponibilizada vaga para atendimento psicológico às participantes da pesquisa "A experiência da conjugalidade de casais sem filhos por opção", que por ventura o necessitarem.

Santa Maria, dezembro de 2020.  
Gabriela Sarturi Rigão  
PSICÓLOGA  
CRP 07/33136

*Gabriela Sarturi Rigão*

Gabriela Sarturi Rigão

Psicóloga Mestranda em Psicologia